UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS
HUMANAS

Departamento de Letras Orientais
Programa de Língua, Literatura e Cultura Árabe

HUMOR NAS ANEDOTAS DO JUHA

WAFAH MUSTAFA EL HAGE

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção de título de Mestre em Língua, Literatura e Cultura Árabe.

Orientadora:

Profa. Dra. Safa A. Abou Chahla Jubran

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo

2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA ÁRABE

WAFAH MUSTAFA EL HAGE

HUMOR NAS ANEDOTAS DO JUHA

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo

2011

para Juha

Agradecimentos

Agradeço às várias pessoas que colaboraram com este trabalho; principalmente à professora Safa A. C. Jubran, que com generosidade incomum tornou possível a sua realização; ao Márcio Ballas, que me perguntou se eu sabia algo sobre o tal do “Goha” egípcio e despertou a minha curiosidade; ao professor Mamede M. Jarouche, que orientou a pesquisa desde o início; à CAPES, pela bolsa concedida.

Resumo

A partir de algumas considerações sobre o humor e as narrativas jocosas na comunicação e na linguagem, esta pesquisa se concentra no estudo de um personagem folclórico misto de sábio e bobo —largamente conhecido entre os falantes da língua árabe pelo nome Juha— e de algumas anedotas por ele protagonizadas, pondo em foco as suas principais características e os temas relacionados: sociedade, política, miséria, entre outros; além de apontar a presença de algumas anedotas em diferentes livros, do século X ao XXI, inclusive numa coletânea editada por Mussa Kuraïem em São Paulo na década de 60 do século passado, o livro *Giha, Hoja e Nasredin*, que constitui o *corpus* desta dissertação.

Palavras-chave

Juha, Nasrudin, anedotas, literatura árabe, humor.

Abstract

Starting from some considerations about humor and playful narratives in communication and language, this research focuses on the study of a mix of wise and foolish folkloric character - widely known among the speakers of the Arabic language by the name Juha - and on some anecdotes played by him, bringing into focus their main characteristics and issues: society, politics, poverty, among others, while pointing out the presence of some anecdotes in different books, from X to XXI century, including a collection edited by Mussa Kuraiem in São Paulo in the 60s of the last century. This book, Giha, Hoja and Nasredin, forms the corpus of this dissertation.

Keywords

Juha, Nasrudin, anecdotes, Arabic literature, humor

Sumário

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I – JUHA EM HISTÓRIAS E LIVROS	19
CAPÍTULO II - AS ANEDOTAS: CONTEXTUALIZAÇÃO, DESCRIÇÃO E ANÁLISE.....	37
1. contextualização do corpus.....	37
2. a respeito do corpus e dos procedimentos metodológicos.....	43
3. as anedotas	43
4. observações gerais	67
5. considerações finais	70
CONCLUSÃO	80
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	83

Introdução

No campo da pesquisa científica voltada aos estudos humanos, há um crescente interesse pelo assunto “humor”.

“Um grupo de teorias considera humor e riso biológicos, substancialmente instintivos; eles são relacionados ao sistema nervoso dos seres humanos e eventualmente funcionam como substituto para reação brutal. A natureza biológica do humor explica sua universalidade”¹.

Nos últimos dois séculos, uma quantidade significativa de estudos relativos ao humor e ao riso foi publicada – estudos linguísticos, históricos, filosóficos, psicológicos, literários... (são exemplos, respectivamente, Raskin, Minois, Bergson, Freud, Propp...)². Nos linguísticos e psicológicos, expressões

¹ KEITH-SPIEGEL, Patrícia. “Early Conceptions of Humor: Varieties and Issues”, in: Jeffrey H. Goldstein and Paul E. McGhee (Eds.), *The Psychology of Humor: Theoretical Perspectives and Empirical Issues*. New York, 1972. pp. 4-36. Apud. TAMER, Georges. *Humor in der arabischen Kultur/Humor in Arabic Culture*. Walter de Gruyter: Berlin / New York, 2009. p. X. “(...) a group of theories consider humor and laughter biological, instinctive matters; they are related to the nervous system of human beings and function eventually as a substitute for brutal reaction. The biological nature of humor explains its universality.”

² RASKIN, Victor. *Semantic Mechanisms of Humor*. Dordrecht/Boston /Lancaster: D. Reidel Publishing Company, 1985. MINOIS, Georges. *História do Riso e do Escárnio*. São Paulo: Editora Unesp, 2003. BERGSON, Henri. *O Riso*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. FREUD, Sigmund. “O humor”, in *O futuro de uma ilusão... e outros ensaios*, vol. XXI. Rio de Janeiro:

como “humor inglês”, “humor judaico” são abundantes; já expressões como “humor árabe”, “humor islâmico” são escassas. Isso é uma constatação e acontece certamente não porque os árabes sejam desprovidos de humor, mas por motivos diversos, possivelmente relacionados mais a interesses políticos (que tendem a separar as pessoas) do que culturais (que tendem a uni-las).

Todas as coisas, entre elas o que se escreve e o que se publica, são movidas por razões variadas; isso pode ser facilmente compreensível, mas queremos refletir um pouco sobre essa afirmação e para tanto nos voltamos às origens da escrita, que sempre teve, obviamente, a função básica de registrar; o mais provável é que os registros contábeis tenham surgido antes dos registros de textos narrativos, como podemos verificar na citação de Baitello Jr (2003)³:

“Origens da escrita: a sagrada economia

Modernas investigações apontam que as origens da escrita não se situariam na esfera do sagrado, mas nas necessidades da atividade econômica (Goody, 1987)⁴. Mesmo que a escrita em seus primórdios tenha sido executada por sacerdotes, os registros

Imago, 1974, p. 189-194. PROPP, Vladímir. *Comicidade e Riso*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

³ BAITELLO Jr. *O Animal que parou os relógios – ensaios sobre comunicação, cultura e mídia*. São Paulo: Annablume, 2003. pp. 71-72.

⁴ GOODY, Jack. *A lógica da escrita e a organização da sociedade*. Lisboa: Edições 70, 1987.

remanescentes apontam para a contabilidade dos templos muito mais do que para os textos sacros. Tudo indica que este caráter sagrado vai se tornando uma aderência da escrita apenas em tempos já menos recuados. De qualquer forma, por suas características físicas em seus primórdios —registro gravado em materiais perenes como metal, pedra e cerâmica—transfere-se para a escrita a qualidade do material. Associada ainda às esferas de produção —os sacerdotes em seus templos—e às esferas de referência —os números e valores da contabilidade, a escrita reúne elementos suficientes para uma leitura rica em metáforas.”

Os textos narrativos escritos podem carregar um valor virtual, que faz com que alguns deles sejam considerados sagrados, ou sérios talvez, e outros não. No caso da anedota, por ser um tipo de linguagem relativamente simples, que atesta que o registro escrito e a oralidade caminham juntos, ela nos remete aos princípios da arte narrativa escrita e talvez possa até ser considerada um meio interno de subversão do texto didático, ao qual está diretamente relacionada, sobretudo no contexto de uma sociedade baseada em textos religiosos considerados sagrados (aqui, no nosso caso, a islâmica).

A anedota é uma espécie de peça chave no mecanismo da comunicação; ela é parte da retórica, que tem função prática e é um instrumento

lingüístico influente. Sem a anedota, a retórica correria o risco do enrijecimento excessivo. Assim, a primeira torna-se fundamental para segunda ser “digerível”, agindo como um tempero, que não é o ingrediente principal, mas faz toda a diferença. Isso se aplica com o mesmo sentido na relação inextrincável entre seriedade (*jadd* - جد) e comicidade (*hazal* - هزل)⁵.

Ainda com relação à anedota, Georges Tamer diz:

“Os textos curtos são também exemplos de inter-relações literárias entre materiais populares transmitidos oralmente e a escrita *adab-literature*⁶. Quanto à expressão de humor, as anedotas refletem tendências conflituosas entre modelos de humor respeitados e triviais.”⁷ —[Tradução nossa]

Nosso foco nesta dissertação está sobre uma personagem masculina há séculos muito popular entre os falantes de árabe, conhecida por alguns nomes como **Juha**, **Jeha**, **Goha** e **Hoja Nasserdin**. Ele é parte integrante do imaginário coletivo árabe, não só como “herói”, ou “anti-herói”, de contos folclóricos, mas

⁵ Aljāhiz - الجاحظ (séc. IX), um dos autores fundamentais da retórica árabe, escreveu um texto sobre isso, intitulado *Risāla fi-l-jadd wa-l-hazal* – رسالة في الجد و الهزل.

⁶ Textos de caráter didático, direcionados ao aprimoramento da personalidade e do comportamento. (nota nossa)

⁷ TAMER, Georges. *Humor in der arabischen Kultur/Humor in Arabic Culture*. Walter de Gruyter: Berlin / New York, 2009:.. “The short texts are also examples of the literary interrelationships between popular, orally transmitted materials and the written *adab-literature*. Regarding the expression of humor, the anecdotes reflect conflicting tendencies between respected and trivial models of humor.”

também em provérbios e expressões populares. Quando os negócios vão mal, é costume comentar que isso é como os “negócios de Goha”. Suas aventuras cômicas são continuamente atualizadas para tratar das condições sócio-políticas do dia, o que talvez explique porque, a despeito de sua importância e onipresença na consciência coletiva, poucos livros sobre ele foram escritos.⁸

Os estudiosos apontam para fato de algumas dessas histórias de Juha - geralmente chamadas de anedotas, por serem curtas e engraçadas- terem vindo da Índia Antiga, podendo ser localizadas no *Pañcatantra* (“Cinco Livros”) cuja redação em sânscrito remonta ao séc. I d. C., e que foi a principal fonte, em tradução ao *pahlevi*, do livro árabe *Kalila e Dimna* (séc. VIII d.C.), do letrado de origem persa, maniqueísta, convertido ao islã no final de sua vida Ibn-Almuqaffa^c. A obra se espalhou pelo mundo em várias traduções durante o império islâmico, influenciando muitas literaturas, sobretudo a européia.⁹

Numa versão de uma história hoje atribuída a Juha, presente no *Pañcatantra* e também no *Kalila e Dimna*, um comerciante deixa aos cuidados do seu conhecido certa quantidade de ferro e vai viajar; quando volta e procura o ferro, o conhecido diz que os ratos comeram-no, então o comerciante consegue sumir com o filho mais novo do outro, dizendo que ele foi carregado por uma

⁸ MAKHLOUF, Georgia. “Goha the simple, or, The wisdom of fooly” (*Goha*, o simples, ou, A sabedoria da bobagem), em *The UNESCO courier: a window open on the world*, p. 26- 27. 1982.

⁹ ANÔNIMO. *Pañcatantra – Fábulas Indianas* – livro I, 2ª. Ed., (trad. de Maria da Graça Tesheiner, Mariane Erps Fleming e Maria Valéria Anderson de Mello Vargas). São Paulo: Humanitas, 2004 e 2008. IBN-ALMUQAFFA, ‘Abdulláh. *Kalila e Dimna* (trad, org, intro e notas de M. M. Jarouche. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ave, e quando o pai da criança questiona a possibilidade de uma ave carregar uma pessoa, o comerciante questiona a possibilidade de ratos roerem ferro, assim consegue recuperar sua mercadoria e devolve o filho do mentiroso. No *Pañcatantra* o comerciante tem nome, Jirnadhana, no *Kalila e Dimna* não.¹⁰

Ainda buscando referências antigas, encontramos histórias que hoje são consideradas de Juha entre as fábulas atribuídas a Esopo, o frígio¹¹, como aquela em que iam pelo caminho o pai, o filho montado no burro, e uma pessoa viu aquilo e repreendeu o menino por ele estar sentado e seu pai em pé, então eles trocaram de lugar; logo outra pessoa viu aquilo e chamou a atenção do pai, dizendo que era um absurdo seu filho ir andando enquanto ele ia sentado, então o menino subiu no burro junto ao pai e continuaram indo; mais adiante, outra pessoa viu aquilo e disse ser um absurdo os dois sobre o animal, que daquele jeito iriam matá-lo; então eles desceram e o pai pôs o burro nas suas costas e seguiu caminhando em frente.

É interessante notar que num manuscrito do *Livro das Mil e Uma Noites*, o “Gayangos 49” (séc. XIX), do ramo egípcio antigo, há uma anedota de Juha dentro de uma história¹². Esta história aparece, com variações, no livro *Kalila e Dimna*, dentro de uma passagem que na tradução brasileira está sob o

¹⁰ YAQTINE, Said. “The Unforgettable Juha”, in, *Tales of Juha – classic arab folk humor*, (Ed. Salma Jayyusi). Cambridge: Interlink Books, 2007. p. 4

¹¹ Idem. Como observa o autor, essa relação com Esopo também ocorre com as histórias atribuídas ao pré-islâmico Luqman, que é (amaldiçoadamente) citado no corão (sura 31).

¹² ANÔNIMO. *Livro das Mil e Uma Noites* - Vol. 1, (trad., org., intro. e notas de M. M. Jarouche. São Paulo: Editora Globo, 2005. p. 350, n. 262.

título “O devoto e o mangusto”¹³, e também na fábula de La Fontaine “A leiteira e o pote de leite” e em *O auto da Mofina Mendes*¹⁴, de Gil Vicente. Nessa(s) história(s) o personagem passa o seu tempo ocioso, imaginando, divagando, pensando demais nos lucros que poderia obter acumulando mercadorias, no que compraria, no que faria, e no fim se distrai e perde tudo o que tinha acumulado.

Conforme veremos adiante, pesquisadores sugerem que Miguel de Cervantes provavelmente teve contato com as histórias de Hoja (outro nome de Juha) quando foi capturado pelos turcos na Argélia, entre 1575 e 1581, e que características do “sábio bobalhão” são perceptíveis no livro *Dom Quixote*, sobretudo em Sancho Panza.

Juha e suas anedotas foram transitando pelas culturas, literaturas e línguas. Podemos identificar sua presença nos livros, através do estudo de algumas das histórias deste personagem, que é um tipo de palhaço literário que parece ter se formado depois do século VIII — pois o livro *Kalila e Dimna* traz algumas histórias hoje consideradas de Juha, sem menção ao nome do personagem ou a qualquer outro — e antes do XIII já que, desse período, o livro *Kitāb alif bā’*, do Yūsuf Ibn-Aššayḥ de Málaga, traz duas histórias nomeadamente atribuídas a Juha, que como vimos anteriormente tem vários nomes. Segue o trecho do *Kitāb alif bā’*, ou *Livro do a-b-c*) em que Juha é citado:

¹³ IBN-ALMUQAFFA, *op. cit.* Conforme a observação de Cheikho, segundo o comentário do tradutor, na nota 3 do capítulo “O devoto e o mangusto”, p. 342

¹⁴ ALMEIDA, Renato. *Inteligência do folclore*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1957. Cf. LIMA, Rossini Tavares de. *Abecê de Folclore*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

“Eu havia indagado a seu respeito, disseram-me que se tratava de Hoja, com a antecipação do H no nome, e que significa ‘razão’, mas que a pronúncia foi corrompida pelas pessoas. Tive contato com uma grande parte de suas notícias nos compêndios dos literatos elaborados para os califas, entre elas estava uma história que mostra como se considerava sábio e como os outros o consideravam idiota. Certo dia, Juha entrou em um moinho e se pôs a recolher o trigo dos outros e colocar em seu cesto. Disseram-lhe então: - Por que você está fazendo isso? Ele respondeu: - Porque sou um estúpido. Disseram-lhe: - Já que você é estúpido, por que não põe seu trigo no cesto dos outros? Ele respondeu: - Nesse caso, eu seria dois estúpidos. * O Aṣṣahānī o mencionara em seu livro Al’amathāl dizendo: "mais idiota que o Juha" e acrescentou que havia um homem dos Fazāra cuja alcunha era Abū-Alḡuṣn. Conta-se de sua idiotice que ʿĪssa Ibn-Mūsā Alhāṣimī passara por ele enquanto estava cavando perto da Kūfa e lhe perguntou: —O que está fazendo Abū-Alḡuṣn? E ele respondeu: —Eu enterrei algum dinheiro aqui neste deserto, mas não consigo encontrar o lugar. ʿĪssa disse: - Você deveria ter marcado o lugar por meio de algum sinal. Ele disse: — Mas eu fiz isso. Era uma nuvem que estava no céu sobre o local, mas agora tampouco estou vendo a nuvem. Há outras histórias como esta onde ele aparece. Você, que é dotado de razão e que lê isto que copio, vejo você rir

destas anedotas, dizendo que não passam de baboseiras".¹⁵

Há quem considere Nasrudin Khoja Rumi, como é conhecido entre os turcos e alguns grupos sufis o Juha dos árabes, uma personalidade histórica. Existe um túmulo em Aksehir, Turquia (Anatólia) com seu nome. Apesar das controvérsias sobre quem foi Nasrudin, se ele realmente existiu, onde viveu, ou quando, o fato de lhe construírem um túmulo faz parecer que este “Nasrudin” seja simbolicamente dotado de uma espécie de “controle de qualidade”, pois tem local e data de nascimento, Khurto, 605 H. (1208 d.C) e de morte, Akshehir, 683 H. (1284 d.C), enquanto o Joha árabe seria, por consequência, algo como um “genérico”, existindo tão somente nas páginas dos livros e na imaginação popular. É importante ressaltar aqui a posição geográfica da Turquia, que representa fronteira na Europa; além disso, considerar que o domínio do império otomano sobre os árabes é passado há menos de um século; e também que as autoridades turcas, na década de trinta do séc. XX abandonaram o alfabeto árabe e adotaram o ocidental, o que pode ser entendido como uma clara rejeição às

¹⁵ Texto original acima traduzido por S. Jubran e M. Jarouche:

”بعض أخبار جحا – وتقدم جحا وقد سألت عنه فقيل لي انما هو حجا بتقديم الحاء و هو العقل فصحفه الناس ولقد رأيت في أخباره جزءا كبيرا مما ألفه بعض الأدباء لبعض الخلفاء وفيه حكاية تدل على عقله عند نفسه و حمقه عند الناس قال دخل ذات يوم جحا في دار الرحا فجعل يأخذ من قمح الناس ويجعله في قفته فقيل له لأي شيء تصنع هذا فقال لاني أحقق فقيل له فلم لا تجعل شيئا من قمحك في قفاف الناس فقال كنت أكون إذا أحمقين * وأما الاصفهاني فقد ذكره في كتاب الامثال له فقال أحمق من جحا و قال كان رجلا من فزارة و كان يكسفو أبا الغصن في حمقه أن عيسى بن موسى الهاشمي مر به وهو يحفر بظهر الكوفة موصعا فقال له مالك يا أبا الغصن فقال اني دفتت في هذه الصحراء دراهم و لست أهتدي الى مكانها فقال عيسى كان يجب أن تجعل عليها علامة قال قد فعلت قال ماذا قال سحابة كانت في السماء مثل هذه و أنت ياذا المعقول و قارئ هذا المنقول أراك تضحك من هذه الحكايات محدثا انها احدى السخافات ” .

influências árabes naquela sociedade, o que, aliás, ainda ocorre em toda a Europa, principalmente nas terras que foram ocupadas pelo império islâmico.

Para o autor sufi Idries Shah “a engenhosidade e a intenção complexas da história de Nasrudin estão muito à frente (...) do Joha árabe”¹⁶, já o pesquisador Charles Pellat considera Juha, ou “Djoha”, como o protótipo do turco Nasrudin (“*Le prototype du Turc Naçr ad-Dîn*”).¹⁷ Seja como for, esta discussão não nos parece relevante aqui e agora, pois é na personagem literária que se concentra este estudo, baseado num despretensoso livreto cujo título é *Giha, Hoja e Nasredin*, publicado na cidade de São Paulo pelo arabista sírio-brasileiro Mussa Kuraïem no ano de 1960, composto por uma breve introdução, seguida de traduções para o português de 84 anedotas do personagem que optamos chamar de Juha - o *corpus* desta pesquisa é composto por elas.

Ressalte-se que Kuraïem (1896-1974), nascido no Brasil, foi um dos pioneiros e mais importantes escritores–tradutores de literatura árabe neste país; fundou, em 1927, a revista *O Oriente*; com sua vasta obra, integra o que entre os árabes se convencionou chamar de “literatura do exílio” (“Adab almahjar” - أدب المهجر). Nas palavras de César Salgado, no prefácio ao livro *Poetas e Califas*

¹⁶ Apud VARELLA, Felipe (org./trad.). *Nasrudin – 99 contos*. Rio de Janeiro: Caravana de Livros, 2009. p. 182.

¹⁷ PELLAT, Charles. *Langue et littérature arabes*. Paris: A. Colin, 1970. p. 89. Segue a frase completa: “Le plus connu de ces héros est néanmoins Djoha, qui apparaît dès le X siècle comme le personnage central d’un livre de plaisanteries; tantôt simple d’esprit, tantôt supérieurement avisé, Djoha est sans doute le prototype du Turk Naçr ad-Dîn.”

(1948): “Sua obra, justamente consagrada pela crítica, conquistou-lhe o alto e indisputável posto de primeiro escritor arabista da literatura brasileira”¹⁸.

Assim, no capítulo I, fazemos um breve histórico sobre o personagem, e o mapeamento de uma estrutura narrativa à qual ele está ligado pelo tema, localizando-a em alguns livros.

No capítulo II, apresentamos as anedotas do livro de Kuraiem, e recontamos algumas delas, para uma análise descritiva comentada, seguida de algumas considerações finais.

¹⁸ KURAIEM, Mussa. *Poetas e Califas*. São Paulo: Ed. Revista “O Oriente”, 1961, p. VII. Segue um levantamento da Bibliografia incompleta do autor:

A Psicologia de Napoleão (Rio de Janeiro, 1918); *Impressões de Viagem* (Em idiomas árabe e português, São Paulo, 1928; *Brasil e Oriente* (Conferência realizada em 1927, na Academia de Letras de Damasco e no Centro Oriental do Cairo, bilíngüe, São Paulo, 1929); *Verdade Nua e Crua* (Coletânea de artigos publicados na imprensa, São Paulo, 1936); *Os califas de Bagdá* (Episódios curiosos da história secular dos povos árabes, São Paulo, 1942); *Poemas de Gibran* (Antologia dos mais sugestivos poemas de Gibran Kalil Gibran, São Paulo, 1943); *Recordações do Emir Amin Arslán* (Antologia das mais interessantes crônicas do diplomata Amin Arslán, São Paulo, 1944); *Aconteceu em Damasco* (Estudo sobre Síria, Líbano e Egito, São Paulo, 1945); *Poetas e Califas* (Resumo biográfico dos califas: Imamo Ali, Omar Bem Katab, Harun Arrachid e outros. Imagens poéticas dos vates. Al-Mutanabi, Al-Maari, Abi-Rabia e Abú Nuás: A grande excursão de Bem Battuta. Obra de Ibn-Kaldun, precursor da historia universal e estudo minucioso sobre o Inferno de Dante e as suas fontes arábicas, São Paulo, 1949); *Amin Rihani* (Autor da Confederação Arabica, São Paulo, 1952); *Leis do Deserto* (Estudo sobre a vida e as leis dos árabes do deserto, São Paulo, 1959); *Assim Falava Gibran* (Antologia do filosofo de Bcharri, São Paulo, 1960); *Giha, Hoja e Nasredin* (Anedotas do maior humorista do Oriente Árabe, São Paulo, 1960); *O Primeiro Alfabeto* (Trabalho histórico sobre o descobrimento na Síria do primeiro alfabeto, São Paulo, 1960).

Capítulo I

Juha em histórias e livros

Existem livros árabes sobre Juha, como o de ‘*Abd Assattār Aḥmad Farrāj, Aḥbār Juha* (“Notícias de Juha” - اخبار جحا), editado no Cairo em 1954, que é um dos primeiros estudos em língua árabe dedicado a este personagem, e que norteia as informações contidas nas páginas seguintes.

75 anos antes da edição deste estudo, ou seja, em 1879, foi editado em árabe um livro chamado *Nawādir Juha* (نوادير جحا), “*Anedotas de Juha*”, de *Khoja Naṣr Addīn Arrūmī*, pessoa cujo apelido entre os árabes seria Juha, e teria nascido em Khurtu, e morrido em Akshehir na Anatólia (Turquia) e vivido no século XIII, porém, não se pode ter certeza disso...

Juha é o protagonista de várias historietas, nas quais ora aparece como sábio, bobo, juiz, réu, ou seja, tem múltiplas facetas. Alguns estudiosos acreditam que essas são histórias árabes, contadas desde o século X, e que foram tecidas em torno de *Abu-Alḡuṣn Dujayn bin-Tābit* (أبو الغصن دجين بن ثابت) – apelidado Juha – que seria um homem árabe da tribo “Fazāra” (فزارة), e essas histórias teriam chegado aos turcos oralmente¹⁹; e que no século XV/XVI passaram a ser atribuídas a *Khoja Naṣr Addīn Arrūmī* (خوجة نصر الدين الرومي), que seria uma versão mais acabada do personagem. É também possível que algumas histórias

¹⁹ BASSET, René. *Melanges Africains et Orientaux*. Paris, 1915.

tenham chegado ao turco através da literatura persa. Alguns acreditam que a pronúncia do nome “*Juha*” (جحا) tenha sido alterada para “*Khoja*” (خجا). Depois de séculos transitando, as histórias foram traduzidas do turco para o árabe, numa espécie de refluxo modificado.

Os livros nos outros idiomas se multiplicaram, em traduções baseadas na fonte escrita turca. 1837 é o ano da 1ª. edição turca das histórias de Naṣr Addīn Arrūmī, que continha 125 anedotas, e a partir dela vieram as outras edições em outras línguas.

Nos livros árabes antigos, não aparece o nome Khoja Naṣr Addīn Arrūmī, aparece Abu- Alḡuṣn, Nuh, Djin, ‘Abdullah... Os turcos se preocuparam tanto com o Juha deles, o “Nasrudin”, que até lhe construíram um túmulo, que é um lugar de visitaçāo. Segundo Ḥikmat Šarīf Attarabulsī, o que os turcos fizeram foi “um assalto programado e contínuo do símbolo árabe antigo (...) roubaram e acrescentaram um símbolo deles, e não conseguiram fixar uma data verdadeira”²⁰, já que muitas histórias fazem mençāo ao imperador mongol Timur Lang, o Tamerlāo — “um dos grandes conquistadores asiáticos, criador de um Império que se estendia do norte da Índia à Síria e à Anatólia”²¹ — que nasceu em

²⁰ FARRĀJ, ‘Abd-Assattār, Ahmad. *Akhbar Juha*. Cairo: Library of Egypt, 2ª. Ed., 1954, p. 17.

O original árabe é como segue:

(...) سطو منظم مستمر على الرمز العربي القديم، ظنه الأتراك في أيامهم السابقة كنزا مباحا، يسلبونه من أدبنا العربي الزاخر بالملح والنوادر، ويضيفونه إلى رمز عندهم لم يستطيعوا أن يثبتوا له تاريخا صحيحا (...)

²¹ HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 17.

1336 e morreu em 1405, ou seja, viveu e morreu depois da data da morte do Nasrudin turco.

Podemos dizer que as histórias de Juha, da forma como aparecem, servem como um bom exemplo para se estudar as principais influências que a cultura árabe sofreu a partir do séc. VIII, com o advento do islã, que são das culturas persa, grega e indiana; e mesmo servir para se notar ecos do período pré-islâmico, quando a crença na transcendência não era comum, pelo contrário, havia uma forte relação com a materialidade da vida...

A propósito, Georgia Makhlouf diz²²:

“Num estudo histórico que se propôs a responder à questão “Teria Goha existido mesmo?”, nosso personagem é considerado como sendo um *Mukhadram*. Termo este originalmente usado para qualificar figuras históricas que viveram nos tempos pré-Islâmicos e durante o período de emergência do Islã, participando assim de dois diferentes universos culturais; seu sentido atual foi estendido para descrever alguém que está com cada um dos pés em diferentes mundos, mas não pertence completamente a nenhum deles, em outras palavras, um caráter ambíguo e por isso muito versátil.”²³—
[Tradução nossa]

²² *Op. cit.* pp. 26-7.

²³ “In a historical study which attempts to answer the question: “Did Goha ever exist?”, He is referred to as a *Mukhadram*. This term was used originally to qualify historical figures who lived both in pre-Islamic times and during the period of Islam’s emergence, thus participating in two different cultural universes, its meaning has now been extended to describe someone who

Também é oportuno salientar que um discurso literário, qualquer que seja ele, dialoga com seu contexto histórico, e que no caso da literatura árabe, é perceptível que o ingresso de outras etnias no âmbito cultural árabe-islâmico se caracteriza por ser um fenômeno múltiplo e difusor.

Como já foi dito anteriormente, Juha aparece no *Livro das mil e uma noites*, uma única vez e num único manuscrito²⁴, numa história muito parecida com uma contida no *Kalila e Dimna*; essa história também é semelhante a um trecho do *Auto da Mofina Mendes*, de Gil Vicente (século XVI), e à fábula “A leiteira e o pote de leite”, de La Fontaine (século XVII). Nela o personagem passa seu tempo ociosamente, pensando no futuro, falando demais e fazendo planos para ganhar mais e mais dinheiro, acumulando, vendendo e comprando coisas, e nisso se distrai e perde tudo o que tinha, que estava armazenado num pote (em *Kalila e Dimna*, banha e mel; no *Livro das mil e uma noites*, garrafas de vidro; no *Auto da Mofina Mendes*, azeite; e leite, obviamente, em “A leiteira e o pote de leite”).

Como esta história tem uma importância especial, porque aparece em diferentes livros e lugares, será aqui transcrita tal qual nas fontes citadas, todas disponíveis em livros brasileiros, isso para servir de exemplo de “intertextualidade”, conceito emprestado da teoria literária pós-estruturalista, que

is astride two worlds, but does not belong completely to either, in other words, an ambiguous and therefore very versatile character.”

²⁴ Porém, em edições impressas, como a de Joseph Charles Mardrus (1868-1949) - que verteu “o livro” do árabe ao francês - encontramos uma sequência de 16 páginas com historietas de Goha (no 8º volume); esta edição foi publicada no Brasil em 1961 pela editora Saraiva.

considera que um texto nunca é uma total criação do seu autor. Começamos por *Kalila e Dimna*, seguido do *Livro das mil e uma noites*, *Auto da Mofina Mendes* e *A leiteira e o pote de leite*.

— **Kalila e Dimna**

Mais do que uma tradução, este livro – um dos mais destacados da prosa árabe do período islâmico – é uma adaptação do Pañcatantra e de outros textos antigos.

“Contam que um devoto recebia, da casa de um certo mercador, um bom quinhão de farinha, banha e mel, usando com parcimônia os dois últimos e guardando o resto numa jarra que deixava pendurada em casa. Certo dia, estando o devoto deitado de costas, observou de repente a jarra, que se encontrava pendurada acima de sua cabeça, e, lembrando-se do alto preço da banha e do mel, disse: ‘venderei o conteúdo desta jarra por uma moeda de ouro, e com ela comprarei dez cabras, que ficarão prenhas e darão à luz a cada seis meses’ – e efetuou o cálculo para o período de cinco anos, constatando que chegaria a mais de quatrocentas cabras – ‘e depois as venderei, comprando com o valor auferido cem cabeças de gado bovino, para cada quatro caprinos um bovino; conseguirei então sementes e utilizarei os bois para lavrar: não se passarão nem cinco anos e eu terei obtido com o gado e a lavoura muito dinheiro que utilizarei para construir uma casa luxuosa e comprar escravos, escravas, ricas vestimentas e mobílias. Quando terminar tudo isso, casar-me-ei com uma bela mulher virtuosa, e quando a possuir irei engravidá-la, e ela dará à luz um filho sadio e abençoado ao qual darei o nome de Mamih e ministrarei excelente instrução, sendo

bem rigoroso nesse decoro; caso ele não aceite, irei surrá-lo assim com esse bastão’, e ergueu o bastão com um gesto, atingindo a jarra, que se quebrou, e a banha e o mel escorreram por sua cabeça e barba.”²⁵

— Livro das mil e uma noites

No *Livro das Mil e Uma Noites*, entre a 162^a e 163^a noite, dentro da história do “quinto irmão do barbeiro”, há uma extensa passagem estruturalmente muitíssimo semelhante a essa do *Kalila e Dimna*, na qual em o manuscrito “Gayangos 49”, “singulariza-se por introduzir uma passagem com o personagem Juha, misto de sábio e bobalhão, muito comum no folclore muçulmano em suas vertentes popular e mística.”²⁶ Essa informação é prova de que o personagem Juha era bastante conhecido entre os habitantes da região onde foi feito o manuscrito, ao ponto de ser citado como exemplo de comportamento.

—No manuscrito do *Livro das mil e uma noites*, a história aparece assim:

“...Esse meu quinto irmão (...) atarantado com tal quantia e ignorando o que fazer com ela, pôs-se a refletir sobre aquele dinheiro, e, em meio a isso, ocorreu-lhe comprar garrafas de vidro de toda espécie para vendê-las e beneficiar-se do lucro obtido. (...) e começou a pensar, dizendo de si para si: ‘(...) não irei parar de comprar e vender (...). E continuarei trabalhando até que se tornem dez mil dirhams (...). Aí então vou adquirir

²⁵ *Kalila e Dimna*, pp. 174-5.

²⁶ *Op. cit.* pp. 350, n. 262.

uma bela casa e comprar escravos, servos e cavalos; (...) E, se Deus altíssimo quiser, farei meu capital se tornar cem mil dirhams'. Tudo isso ele ia elucubrando, tendo à sua frente a caixa com os cem dirhams de garrafas"²⁷ “enviarei aquelas mulheres arranjadoras de casamento (...) para pedirem em casamento a filha do vizir, (...) Quando ela se encontrar em minha casa, vou comprar dez pequenos servos e depois um traje de reis; (...). Quando eu for ter com o vizir, (...) ele imediatamente se colocará em pé, me instalará em seu lugar e se acomodará num local mais baixo (...). Quando chegar o momento de receber minha mulher, (...) a deixarei estar em pé, até que se sinta bem humilhada e saiba que eu sou um sultão; dirá: ‘Meu senhor, pelo amor de Deus, não recuse a taça que lhe ofereço, pois sou sua serva’. Como não lhe dirigirei a palavra, ela insistirá, dizendo: ‘É imperioso que beba’, e a aproximará de minha boca, então irei balançar as mãos na sua

²⁷ *Idem, Ibidem*; é neste ponto do texto que o manuscrito do ramo egípcio-antigo apresenta uma história de Juha, como observa o tradutor na nota explicativa; segue a transcrição da tradução da história:

“E esses cálculos, ó comandante dos crentes, eram semelhantes aos sonhos de Juha, o qual certa noite dormiu e sonhou que tinha a seu lado uma travessa cheia de jóias e pedras preciosas, e também um grupo de mercadores que pretendiam comprá-las. Ele lhes disse: ‘Comprem, mas não sejam avaros na oferta!’. Eles lhe ofereceram quatrocentos dinares e ele respondeu: ‘Que Deus melhore as coisas!’. Então eles passaram a fazer uma oferta mais elevada do que a outra, até que chegaram a mil dinares. Quis o destino que houvesse sobre a cabeça de Juha uma travessa de cerâmica; tudo isso ocorria em sonho: aqueles mercadores continuaram insistindo, até que o valor oferecido pelas jóias e pedras preciosas chegou a dois mil dinares. Mas ele recusou a oferta, arrancando bruscamente a travessa das mãos dos mercadores, e seu cotovelo bateu na travessa de cerâmica que estava sobre sua cabeça [e a quebrou]; ele acordou e, não vendo nada, tornou a fechar os olhos e dormiu de lado; esticou a mão e disse: ‘Paguem algo que corresponda à abundância do meu mar!’. Assim, ó rei do tempo, é que as esperanças do meu irmão eram semelhantes aos sonhos de Juha”.

cara e chutá-la fazendo assim’, e deu um pontapé que atingiu em cheio a caixa de garrafas, que estava sobre um ponto mais alto do lugar; a caixa caiu no chão e todo o seu conteúdo se quebrou. ...”

—**Auto da Mofina Mendes**

Seguindo o caminho dessa história, ou melhor, dessa “estrutura narrativa”, que pode ter sido transmitida durante a expansão do império islâmico, transcrevemos um trecho do *Auto da Mofina Mendes*, de Gil Vicente - um dos principais autores portugueses dos séculos XV e XVI - extraído do livro *Abecê de Folclore*, de Rossini Tavares de Lima²⁸, que se vale dos comentários de Renato Almeida, em sua *Inteligência do folclore* (1957): “é o tema do castelo no ar, contar com o ovo na galinha, que foi divulgado por La Fontaine, pelo ‘Panthatantra’ hindu e o livro *Calila e Dimna*”.

“Para fazer muito dinheiro, Mofina Mendes vai à feira de Trancoso, a vender um pote de azeite. Cheia de felicidade, começa então a cantar:

Do que este azeite render
Comprarei ovos de pata
Que é coisa mais barata
Que eu de lá posso trazer,
E estes ovos chocarão:
Cada ovo dará um pato,

²⁸ Lima, Rossini Tavares de. *Op. cit.*, p. 134.

E cada pato um tostão,
Que passará de um milhão
e meio a vender barato.
Casarei rica e honrada
Por estes ovos de pata
E o dia que for casada
Sairei ataviada
Com um brial d'escarlata
E diante o desposado,
Que me estará namorando;
Virei de dentro bailando
Assim dess'arte brilhando
Esta cantiga cantando.

E assim, cantando, começa a bailar e o pote cai de
sua cabeça, pondo tudo a perder.”

— A leiteira e o pote de leite

Muito semelhante à história acima, é a fábula “A leiteira e o pote de leite”, de La Fontaine (França, século XVII), também de caráter didático, inclusive finalizada com o que se convencionou chamar de “moral da história”, que não é característica dos textos árabes:

“Trazendo na cabeça uma vasilha
de leite, equilibrada na rodilha,
Perrete se dirige rápido à cidade.
Nesse dia ela pôs roupa curta e bem leve,
para não estorvar sua velocidade
e lá chegar em tempo breve.
Com sapatos de salto raso,
seguia equilibrando o vaso,
a pensar no que iria fazer com o dinheiro
que iria receber em curtíssimo prazo:
comprar um cento de ovos; logo o galinheiro
abrigaria uma ninhada
que seria a maior de toda a região.
Mesmo a raposa mais safada
não iria impedi-la de ter um leitão.
Para o porco engordar, restos não faltarão,
e, quando ele estiver com seu peso ideal,
acha-se um comprador que paga um dinheirão.
Mais um tempo que passa, e ponho no curral
uma vaca e um bezerro, que encontro a bom preço
e que de um bom rebanho hão de ser o começo.
Um tropeço infeliz despeja pelo chão

as vacas, o bezerro, os frangos e o leitão:

todo o seu cabedal havia escapulado

e entrado dentro de uma cova.

O jeito é contar ao marido,

correndo o risco de uma sova.

‘Não vá chorar’, diz o ditado,

‘por sobre o leite derramado’.”²⁹

Os dois últimos exemplos podem representar indícios da grande influência de *Kalila e Dimna* – que foi largamente traduzido para diversas línguas modernas durante e após o império islâmico – no desenvolvimento da ficção na Europa; além disso, fortalece a tese dos linguistas, de que as línguas são sistemas vivos, que se intercomunicam.

Mas onde está Juha no meio de tudo isso?

Por enquanto, sabemos que ele aparece uma vez num manuscrito do *Livro das Mil e Uma Noites*, numa passagem muito parecida com uma história que está no *Kalila e Dimna*, que por sua vez também se parece com trechos de textos de Gil Vicente e La Fontaine... Mas este personagem é também conhecido

²⁹ La Fontaine. *Fábulas de La Fontaine*. Livro VII. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia. 2003, pp. 49-50.

entre os berberes, malteses e italianos. Na Itália é chamado **Giuca** ou **Giufa** ou **Yufá** (na Sicília). Ítalo Calvino (1923 – 1985), que em 1956 publicou o livro *Fábulas Italianas* (Fiabe Italiane) – um pedido das autoridades culturais italianas – nele fez questão de incluir histórias de Yufá e numa nota explicativa, diz:

“O grande ciclo do tonto, embora não seja uma fábula, é demasiado importante para ficar de fora. Provém do mundo árabe e é justo que seja a Sicília a representá-lo, pois deve tê-lo aprendido diretamente dos árabes. A origem árabe encontra-se também no nome da personagem Giufà [Yufá] às vezes Giucà, mesmo nas regiões de dialeto albanês, o tonto para quem tudo acaba dando certo.”³⁰

A seguir, incluímos uma história das selecionadas por Calvino, intitulada “Comam, minhas roupinhas!”:

“Yufá, tonto como era, não lograva obter nenhum convite ou um gesto de acolhida. Certa vez foi até uma fazenda para ver se lhe davam alguma coisa, mas como o viram tão mal-ajambrado, soltaram os cães atrás dele. Então sua mãe arranjou para ele um lindo casacão, uma calça e um jaleco de veludo. Vestido como um cavaleiro, Yufá retornou à mesma propriedade. Acolheram-no muito bem e o convidaram para comer com eles, e ali cobriram-no de elogios. Quando lhe trouxeram a comida, Yufá com uma das mãos a levava à boca e com a outra a punha nos bolsos, bolsinhos, no chapéu e

³⁰ CALVINO, Ítalo. *Fábulas Italianas* (trad. Nilson Moulin). São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 447.

dizia: -Comam, comam, minhas roupinhas, pois vocês é que foram convidadas, não eu!”³¹

Sobre a influência das histórias do personagem na literatura ibérica, vale ressaltar que mais de um pesquisador já falou sobre seus possíveis vestígios na principal obra de Cervantes:

“Tem sido sugerido que Cervantes teve a idéia, e talvez até mesmo o nome, para sua grande obra, Dom Quixote (...) a partir de histórias de Goha. Afinal, Cervantes passou alguns anos como um prisioneiro em Argel, e que melhor maneira de passar o tempo numa cela sombria do que trocando histórias de Goha o próprio carcereiro” ³²—
[Tradução nossa]

“Há pesquisadores que sugerem que Miguel de Cervantes, autor de Dom Quixote, pode ter ouvido histórias de Nasreddin Hoja após sua captura pelos turcos da Argélia, durante seu aprisionamento de 1575 a 1581. Pode-se ver alguns traços do Hoja no ajudante de Dom Quixote (...) Sancho Panza)” ³³ —
[Tradução nossa]

³¹ *Idem.* p. 411.

³² LUNDE, Paul. “A man of many names”, em *Saudi Aramco World* (mai/jun), p. 8-9.1971. “It has been suggested that Cervantes got the Idea, and perhaps even the name, for his great work *Don Quixote* (at the time pronounced ‘kihote’) from Goha stories. After all, Cervantes spent some years as a prisoner in Algiers, and what better way to while away the time in a dreary cell than by exchanging Goha stories with one’s jailer.”

³³ NOONAN, John. “Tales of the Hoja”, em *Saudi Aramco World* (set/out), p. 30-39.1997. “There are scholars Who suggest that Miguel de Cervantes, autor of *Don Quixote*, may have heard Nasreddin Hoja stories after his capture by the Turks of Algiers, during his imprisonment

Todo Dom Quixote, aliás, está permeado pela relação com a língua árabe, posto que o texto se apresenta como uma (pseudo-) tradução de manuscritos árabes, da autoria do historiador Cide Hamete Benengeli.³⁴

A literatura picaresca também poderia estar de alguma forma relacionada com o tipo de humor presente nas anedotas de Juha – que de forma análoga ao protagonista picaresco, é também um anti-herói popular - bem como as histórias do personagem espanhol Pedro Urdemales, que em Portugal e no Brasil é conhecido como Pedro Malasartes.³⁵

Ainda com relação à presença do Juha na Espanha, é interessante mencionar um artista, considerado um dos maiores comicos da cena contemporânea, o bufão ítalo-espanhol Leo Bassi, que cita “Nasradeen Hodja” no final de um texto seu intitulado “*Un cómico frente al Islam*”, publicado em seu blog³⁶. Este texto é uma resposta às críticas que algumas pessoas lhe fizeram por causa do seu polêmico espetáculo “*La Revelación*”, marcado por fortes críticas ao monoteísmo, principalmente o cristão-católico. Ele fecha seu texto dizendo:

*“Para los que siguen dudando de que exista en la
sociedad islámica la capacidad de reírse de las*

from 1575 to 1581. One can see some of the lineaments of the Hoja in Don Quixote's (...) Sancho Panza.”

³⁴ MUHANA, Adma Fadul. “O Narrador Árabe do Dom Quixote”. em *Dom Quixote – 400 Anos de Paixão*. Sílvia Monte (Org.). Rio de Janeiro, EMERJ, 2005.

³⁵ MACHADO, Regina. *Nasrudin*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005, p. 61.

³⁶ www.leobassi.com/archives/editorial/utopiadesde_20_eneroteatro_alfil_madrid.html (último acesso em 18-03-2010).

cosas y tomar la vida con optimismo, les invito a conocer la gesta y la obra de uno de los mas grandes bufones de la historia: el cómico Turco del siglo XIV Nasradeen Hodja. Frente a la intolerancia, él supo abrirse un camino hacia la libertad utilizando como únicas armas la ironía y la astucia.”

Já no Brasil, Juha é relativamente conhecido, mas pelo nome Nasrudin. Ele é citado em alguns livros publicados nas últimas décadas, seguem dois exemplos:

— *O Livro do Palhaço*, de Cláudio Thebas³⁷ (o palhaço Olympio), que acertadamente o chama de “bufão” e conta uma história na qual Nasrudin contracena com o temido conquistador mongol Tamerlão:

“Tamerlão nunca tinha visto seu reflexo num espelho – artigo muito raro naquele tempo. Ao se deparar com sua imagem pela primeira vez, o rei começou a chorar. Ele não sabia que era tão feio e velho, tão deformado pela maldade. E chorou, e chorou, e chorou. Seus súditos, bajuladores, também choraram, e choraram e choraram.

Quando Tamerlão parou de chorar, imediatamente todos também pararam. Todos menos Nasrudin. Ele continuou chorando, e chorando, e chorando.

— Por que é que você continua chorando se eu já parei? – perguntou-lhe Tamerlão com sua voz de trovão.

³⁷ THEBAS, Cláudio. *O livro do Palhaço*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005. pp. 31-2.

Nasrudin na mesma hora respondeu:

—O senhor se viu por um segundo e chorou por duas horas. Imagine eu, então, que tenho que olhar para a sua cara todo santo dia!

Surpreendido por essa resposta, Tamerlão riu, e riu, e riu. Seus súditos, puxa-sacos, também riram, e riram, e riram.”;

—*Entendendo o Humor*, da psicóloga Aracéli Martins³⁸, que dedica o capítulo sexto inteiro a Nasrudin, sob o título “Um doidinho faz rir no Oriente”. Ela o chama de “rei do *nonsense*”, e diz que:

“ele trafega livremente pelo domínio do palhaço, da criança, do “demente” mais descontrolado, até o ponto em que começamos a sentir que aí existe alguma coisa além do cômico puro e simples. (...) O Nasrudin louco e idiota fala ao nosso lado respeitável com diploma pendurado sobre a inteligência. Situações como a que se segue iluminam a questão: Nasrudin disse uma coisa bem pouco gramatical a um sujeito que estava com ele num barco, ao que o erudito replicou: “O caro amigo nunca estudou gramática?” “Não”, respondeu o hodja [mestre]. “Nesse caso, é bom você saber que desperdiçou metade de sua vida”, contestou o homem. Passados alguns minutos, Nasrudin perguntou-lhe: “Você aprendeu a nadar?” “Não, por que?” Ele respondeu: “É que

³⁸ MARTINS, Aracéli. *Entendendo O Humor*. São Paulo: Paulus, 1994. pp. 75-88.

nesse caso você desperdiçou toda a sua vida: o
barco está afundando!”³⁹

Publicações mais antigas, de autores árabe-brasileiros, trazem embutidas pequenas histórias nomeadamente atribuídas a Juha, por exemplo: *Maravilhas do Conto Árabe*, de Jamil Almansur Haddad (e José Paulo Paes); e *As mais belas páginas da Literatura Árabe*, de Mansour Challita.

À procura de Juha nos sebos do Brasil, encontramos Nasrudin em 9 títulos, dispostos em 9 “estantes” diferentes, seguindo estas classificações:⁴⁰

Auto-ajuda (3 exemplares); Contos (2 exemplares); Esoterismo (4 exemplares); Filosofia (3 exemplares); Humor (2 exemplares); Infanto-juvenis (35 exemplares); Literatura brasileira (1 exemplar); Literatura estrangeira (4 exemplares); Religião (4 exemplares).

Dos 59 exemplares dos 9 títulos encontrados, mais da metade, 35 unidades, do livro Nasrudin, de Regina Machado, 33 vezes classificado como “Infanto-juvenil” e duas como “Outros assuntos”; seguido em quantidade pelo livro Nasrudin – 99 contos, de Felipe Varela, 6 unidades, duas vezes classificado como “Humor”, duas como “Literatura Estrangeira”, uma como “Contos” e uma como “Literatura Brasileira”; o *Contos de Ensino do mestre sufi Nasrudin*,

³⁹ *Idem.* pp. 76-7.

⁴⁰ www.estantevirtual.com.br/q/nasrudin (acesso em 03/04/2011). Dos títulos achados, 3 em espanhol, 1 bilíngue (inglês-português) e 5 em português.

da editora Dervish, 4 unidades, aparece duas vezes como “Filosofia”, uma como “Esoterismo” e uma como “Auto-ajuda”; e por aí vai...

Além da grande variedade de classificação do personagem e de suas histórias, esse fato revela que atualmente no Brasil, quase tudo o que circula sobre “Nasrudin”, está de alguma maneira ligado a comunidades sufis, nacionais e internacionais, o que explica a maior popularidade do nome “Nasrudin” e não *Giha*, *Hoja* ou *Juha*.

Nessa mesma página da internet, encontramos um exemplar solitário do livro *Giha, Hoja e Naserdin*, de Mussa Kuraiem, na estante de “Livros raros”. Na introdução deste livro, Kuraiem se refere à personagem como “o emir dos humoristas orientais” e afirma que esses três nomes, que compõem o título da obra, dizem respeito a “uma só personalidade, ou seja, o único humorista que o Oriente Médio possuiu. Os turcos chamam-lhe Hoja, ou Hoja Efendi (título esse de exclusividade dos intelectuais). Os árabes o denominam Giha, e os iranianos Nasserdin.”⁴¹

⁴¹ Kuraeim, Mussa. *Giha, Hoja e Nasredin*. São Paulo: Ed. Revista “O Oriente”, 1960, p. 5.

Capítulo II

As anedotas: contextualização, descrição e análise

1. Contextualização do corpus

O livro de Kuraïem não apresenta suas fontes, porém sabemos que o autor possuía vasto conhecimento da língua árabe, o que nos leva a supor que suas fontes seriam árabes. Após uma breve introdução, o autor apresenta as 84 anedotas, que classificamos de forma simplificada na tabela a seguir:

As anedotas do livro *Giha, Hoja e Nasreddin*, na ordem em que aparecem, contendo o título, as personagens, o cenário e a principal característica de Juha.

Anedota	Personagens	Cenário	Característica de Juha
A CAUSA DA BRIGA	Hoja, sua esposa e doze estrangeiros	casa /rua	Tolo
OBEDIÊNCIA EXCEPCIONAL	Nasreddin e seu pai	estrada	Malvado
NOTICIA	Hoja e um preguiçoso	escritório	Impassível
A TINTA	Hoja e seu criado	casa	Tolo
ÁUREA JUSTIÇA	Hoja e os funcionários	casa-de-banho	Esperto
CAMINHO DA PROSPERIDADE	Hoja, seu burro, o agente, e a esposa	mercado / casa	Irônico

BONDADE DE ALÁ	Ahmed Agha e Hoja	rua	Irônico
HOJA E A NATUREZA	Um bezerro, Hoja e a esposa	horta / casa	Nervoso
POSIÇÃO CORRETA	Hoja e os ouvintes	Café	Irônico
O CORVO E O SABÃO	Hoja, a esposa e um corvo	ribeirão	Irônico
RECURSO CIENTÍFICO	Hoja e a esposa	casa	Tolo
AVELÃ E MELANCIA	Hoja (e a avelã)	plantação de melancias	Tolo
COMENTÁRIO FILOSÓFICO	O filósofo, Hoja e as pessoas	Café	Impassível
PROVA DE LEALDADE	Temerlane e Hoja	janela / tanque	Covarde
VALOR INTRÍNSECO	Temerlane e Hoja	casa-de-banho	Irônico
VERDADEIRA REVELAÇÃO	Hoja, um coelho, a esposa, os amigos	campos de trigo / casa / Café	Tolo
PÁSSARO INESTIMÁVEL	Hoja, papagaio, pessoas, peru	mercado / casa	Impassível
PEPINO	Hoja, Veli, Ahmed Agha, pessoas	Café	Irônico
FIEL À PALAVRA	Hoja e seus amigos	indeterminado	Irônico
TEME A MULHER	Hoja (e a lareira)	casa	Irônico
A FONTE DE CALOR	Hoja e seus amigos	montanha / Café / casa	Irônico
SERVIÇO CORRETO	Hoja, Temerlane, pessoas, cavaleiros e arqueiros	mesquita	Medroso
PATO ASSADO	Temerlane, criado, Hoja, patos	palácio	Medroso

FIGOS E COQUINHOS	Hoja, Temerlane, (esposa)	palácio	Otimista
O ELEFANTE	Temerlane, elefante, o povo, Hoja, membros da delegação	campos, palácio	Covarde
QUAL É O INTERESSE	Hoja, seus professores	casa	Simplista
PROCESSO VERBAL	Hoja, Chefe de Polícia, (burro)	Akshehir	Simplista
DIGNO ELOGIO	Hoja (e o mar)	praia	Tolo
POR QUE ESSAS LÁGRIMAS?	Hoja e a esposa	casa	Revoltado
TENAZES INCOMPARÁVEIS	Hoja, alguma pessoa, multidão, leiloeiro, (esposa)	praça do mercado / casa	Tolo
QUESTÃO DE COMPARAÇÃO	Hoja, a esposa, o sobrinho, o gato	casa	Revoltado
MEDINDO DISTANCIA	Hoja, a esposa, o burro	campo / deserto	Irônico
DUAS PORTAS (VERSÃO POPULAR EM BAGDÁ)	Hoja, os discípulos, a esposa	casa	Irônico
DEZ POR CENTO	Hoja e os ouvintes	indeterminado	Irônico
ORAÇÃO ATENDIDA	a multidão, Hoja, o burro, o juiz, Hassan Agha (o vizinho), a esposa	sala do tribunal / casa	Espertalhão
FIEL À LEI	Hoja, a multidão	campos / mercado	Espertalhão

ERA PEQUENA PANELA	Amin, Shakir, Hoja, juiz	Café	Mentiroso
SABER LER	Nasreddin, o professor, os “amigos”, membros da banca examinadora	indeterminado	Corajoso
EXPERIÊNCIA LEGAL	Hoja (juiz), o acusado, o acusador, o defensor	Akshehir / sala de julgamento	Tolo
FALSO TESTEMUNHO	um amigo, Hoja (testemunha falsa), o juiz, o acusado	indeterminado / tribunal	Sincero
LIÇÃO DE BIOLOGIA	Hoja e o vizinho	indeterminado (casa)	Irônico
“NOBLESSE OBLIGE”	Hoja, criados do prefeito	mansão do prefeito	Irônico
LIVRO IMPORTANTE	Hoja e o anfitrião	salão de festa de casamento	Irônico
SERMÃO PERFEITO	Hoja e o povo da cidade	mesquita	Irônico
TODOS ESTÃO CERTOS	Hoja, a esposa, (ladrões) e os vizinhos	casa	Irônico
FLECHAS CERTAS	Hoja e os espectadores	feira da vila	Irônico
HOMEM AVARENTO	Hoja e o gerente	loja (Raçafa, às margens do Tigre)	irônico (louco)

CONVITE ACERTADO	Hoja, um bando de moleques, (prefeito)	ruela deserta de Akshehir	ingênuo (louco)
CARTA POR ESCREVER	Hoja e um camponês, (irmão do camponês)	indeterminado	Irônico (malvado)
SECAR FARINHA	Hoja e um vizinho	casa	irônico (ríspido)
QUESTÃO DE CONFIANÇA	Sulaiman Agha, Hoja, e o burro	casa	irônico (ríspido)
QUESTÃO DE PERSPECTIVA	Hoja, um discípulo, e o burro	indeterminado (casa)	Irônico (mentiroso)
SOPA DE LENTILHA	Hoja, filhinha dos vizinhos	sala (casa)	irônico
REZOU AO PROFETA	Hoja, um jovem discípulo, e um homem	indeterminado (rua)	Malvado (louco)
AUTENTICO GÊNIO	filho de Hoja, Hoja, e sua mulher	indeterminado (casa)	Tolo
O MUEZIN	jovem Nasreddin, seus pais, muezin	Damasco / rua / mesquita	Briguento
O ANALFABETO	Omar (o analfabeto) e Hoja	casa	Malvado
NÃO TE AFASTES DA PORTA	Jovem Nasreddin, sua mãe, vizinhos, cunhado de Nasreddin	casa / rua	Idiota
CURIOSO LEILOEIRO	Hoja e o vizinho	pomar do vizinho	cínico (cara-de-pau)
ADMIRÁVEL LIÇÃO	Nasreddin e o velho Hassan	indeterminado	Cínico (trapaceiro)

TOLO E NÃO IMBECIL	Hoja, seu jumento, os fregueses e o moleiro	moinho da cidade	cínico (cara-de-pau)
O ALÉM	Giha, caravana de mulas conduzidas por oleiros	cemitério / sepultura / casa	Tolo
FUNERAL IMINENTE	Giha, seus amigos e Temerlane	indeterminado	Covarde (sarcástico)
NÃO SEJAS TOLO	Giha e um homem	casa / ruas	Tolo
DESTINO IGNORADO	Giha, mula, um amigo	campos	Sincero (sarcástico)
ULTIMA ESPERANÇA	Giha, (seu jumento) e alguém	campos	Alegre (sarcástico)
FILOSOFIA DA PEDRA	Giha e interlocutores	indeterminado	Irônico
CORTEJO FÚNEBRE	Giha, (um cortejo fúnebre), a esposa	casa / rua	Irônico
O ALBORNOZ	Giha, sua jovem esposa e um dos vizinhos	casa	Irônico
A FALTA DO BOI	Giha, um boi, dois bois e o dono deles	horta / rua	Estúpido
INTERESSANTE EXPERIÊNCIA	Giha, seu jumento, interlocutores	indeterminado (casa)	Estúpido
PRECIOSO E INEXPRESSIVO	Hoja e seus amigos	indeterminado	sábio
O HABITO DE SER POBRE!	Hoja, um jovem herdeiro falido	Homs	Sincero
QUE ACONTECEU?	Giha e sua mulher	casa	Estúpido

CÃO DE CAÇA	Imã, Giha, cão	indeterminado	Sincero
ERRADA E CERTA	Giha, seus alunos, seu jumento	caminho da mesquita	Dissimulado
MALICIOSAS 1. ORAÇÕES e	Giha, sua mulher, ladrão	casa	Dissimulado
A ARTE DE TOMAR	Giha e seus amigos	beira do lago	Irônico
ARCA DE NOÉ r	Giha e seus amigos	montanhas de Kalamun	Irônico
GIHA E O JUMENTO	Giha, seu jumento, e seu filho	estábulo	Tolo
DUAS MEDIDAS a	Giha (juiz), povo de Jibadin, um nativo	indeterminado	tolo (vingativo)
FIM DO MUNDO	Giha, seu carneiro, os rapazes da cidade	indeterminado / casa / lago	tolo (vingativo)
DUAS PORTAS (VERSÃO NA SÍRIA)	Giha, seus amigos, a esposa	rua / casa	cínico (cara-de-pau)
MULA EMPRESTADA	Giha, vizinho, mula, dois rapazes	campos	Dissimulado
ESPERTALHÕES	Giha, um jumento, dois espertalhões	mercado central de Bagdá / estrada / casa	Estúpido

2. A respeito do Corpus e dos procedimentos metodológicos

Optamos por recontar 21 anedotas, escolhidas entre as 84, isto é, 1/4 do total das historietas contidas no livro do Kuraeim.

A escolha das anedotas foi aleatória na maioria das vezes; em alguns casos, demos preferência àquelas que aparecem em outros livros citados nesse trabalho.

Decidimos parafrasear as anedotas, ao invés de reproduzi-las, por julgar que assim procedendo estaríamos já apontando para alguns aspectos importantes para a análise.

Em seguida à paráfrase de cada uma das anedotas, elaboramos um breve comentário, que posteriormente será retomado para a formulação de algumas considerações.

3. AS ANEDOTAS

1ª ANEDOTA:

TÍTULO: “ÁUREA JUSTIÇA”

PERSONAGENS: HOJA E OS FUNCIONÁRIOS

CENÁRIO: CASA DE BANHO

CARACTERÍSTICA DE JUHA: ESPERTO (VINGATIVO)

Nessa história, o narrador faz uma longa introdução, se dirigindo diretamente ao leitor, a fim de explicar com detalhes o que vem a ser um “banho-turco”, e enfatiza que para poder desfrutar de todos os seus benefícios, deve-se não só “estar bem provido de dinheiro”, mas “saber também como fazer o pagamento”; posto isso, conta a primeira experiência de Nasreddin Hoja num

banho-turco: como foi mal tratado, sem nada contestar e, na saída, pagou com uma “reluzente libra de ouro”, deixando totalmente desconsertados os funcionários do local; e como foi a segunda experiência de Hoja que, dias depois voltou ao mesmo local e dessa vez foi servido “majestosamente” e, na saída, “deixou um níquel no caixa”, e o funcionário, decepcionado, sem entender por que da outra vez, que nada de bom lhe fizeram, ele pagou com uma libra de ouro, e dessa vez, que foi tratado como um príncipe, ele pagou com um níquel, lhe perguntou a razão disso, ao que Hoja respondeu sorridente: “- A libra era pelos serviços prestados desta vez, e o níquel, pelos da outra”.

Ao permanecer calado e pagar bem pelos serviços mal prestados, Hoja estava arquitetando o seu retorno à casa de banho, para se vingar dos funcionários, que o julgaram não merecedor de bons serviços, por ser ele aparentemente pobre. Na segunda vez, quando ele aproveitou tudo o que não pôde aproveitar na primeira, enganou aos funcionários locais, que só o trataram bem porque receberam muito dinheiro, mesmo não merecendo... Ocorreu uma inversão temporal e o injustiçado, sabiamente, conseguiu o que queria antes, um bom tratamento; assim, efetuou o pagamento adequado aos dois diferentes tipos de recepção que obteve no mesmo lugar, com as mesmas pessoas.

﴿*﴾

2ª ANEDOTA:**TÍTULO: “COMENTÁRIO FILOSÓFICO”****PERSONAGENS: HOJA, O FILÓSOFO E AS PESSOAS****CENÁRIO: CAFÉ****CARACTERÍSTICA DE JUHA: IMPASSÍVEL**

Hoja estava num café, onde um filósofo comentava sobre a esquisitice dos homens, dizendo que estes nunca estarão totalmente felizes, porque no inverno “queixam-se do frio”, no verão “queixam-se do calor”, nunca parecem estar satisfeitos; e as pessoas acenavam com a cabeça em silêncio, até que Hoja disse a ele: “- Você se esquece, de que ninguém se queixa da primavera”.

Diante do discurso do pensador e suas considerações sobre o comportamento humano, baseadas em obviedades, Hoja quebrou o silêncio dos ouvintes para dizer algo incontestável que desestruturou completamente o pensamento do filósofo.

(*)

3ª ANEDOTA:**TÍTULO: “VALOR INTRÍNSECO”****PERSONAGENS: HOJA E TEMERLANE****CENÁRIO: CASA DE BANHO****CARACTERÍSTICA DE JUHA: IRÔNICO**

Enquanto tomavam banho-turco, “vestidos apenas com uma peça de tecido xadrez, presa à cintura por um cinto”, Temerlane pediu a Hoja que lhe respondesse sinceramente a uma pergunta, e Hoja disse detestar a mentira; Temer perguntou: “- Qual o meu valor?” e Hoja olhou para ele, pensou um pouco e disse um valor correspondente ao cinto de Temer, que percebeu e protestou; então Hoja, acuado, dissimulou seu desprezo pelo imperador lhe dizendo que o seu valor era “inapreciável”.

Ao dizer exatamente o valor do cinto, Hoja enfatizou a exterioridade da riqueza do imperador mongol Temerlane (que colaborou decisivamente com o declínio do império islâmico durante a expansão de suas conquistas territoriais), e ironizou a questão colocada com uma resposta sutilmente depreciativa.

(*)

4ª ANEDOTA:

TÍTULO: “FIEL À PALAVRA”

PERSONAGENS: HOJA E SEUS AMIGOS

CENÁRIO: INDETERMINADO

CARACTERÍSTICA DE JUHA: IRÔNICO

Perguntaram a ele sua idade e ele disse ter “quarenta anos”. Dez anos depois, respondendo à mesma pergunta, disse ter a mesma idade, “quarenta anos”, mas um de seus amigos contestou, dizendo que ele havia dito isso há dez anos; então disse Hoja, ironicamente, que um homem deve ser sempre fiel à palavra.

Hoja colocou em questão a palavra no tempo, e como isso poderia ou não ter relação com o que é verdadeiro; essa pequena narrativa mostrou um homem sendo interrogado sobre sua idade, enquanto simplesmente envelhecia, e continuava repetindo as mesmas palavras, demonstrando com elegância a sua inadequação.

﴿*﴾

5ª ANEDOTA:

TÍTULO: “O ELEFANTE”

PERSONAGENS: TEMERLANE, ELEFANTE, O POVO, HOJA, MEMBROS DA DELEGAÇÃO

CENÁRIO: CAMPOS, PALÁCIO

Característica de Juha: corajoso /covarde

O elefante que Temerlane trouxera e mantinha solto pelos campos, estava destruindo as plantações e tudo o que havia pela frente. O povo decidiu enviar uma delegação ao imperador, para pedir-lhe que poupasse as lavouras, e Hoja foi eleito o líder da delegação. Entusiasmado e cheio de coragem, ele logo convidou os outros membros do grupo a segui-lo rumo ao palácio, pois o animal não parava com os estragos. A cada curva do caminho desaparecia um membro da delegação. Quando chegou ao palácio, Hoja, acompanhado apenas por dois homens, que também perderam a coragem e ficaram para trás antes da sala de recepção do palácio, se viu sozinho diante de Temerlane, que lhe perguntou o motivo da visita, e Hoja lhe respondeu: “- O elefante, senhor.” “- Mas que assunto a respeito do elefante?” quis saber Temerlane. Hoja começou a falar, “-

Bem, eu...”, pigarreando, olhou para trás e pausou... ele pretendia dizer: “e a delegação”, mas já não havia “delegação”, e Temerlane dizendo: “ – Sim...”, estimulando seu súdito a continuar. Então, Hoja disse a ele que o pobre do elefante parecia estar muito triste, vivendo tão sozinho, e que talvez fosse necessário lhe providenciar uma companhia.

Hoja era o líder de um grupo que representava o povo diante do imperador Temerlane; toda a sua coragem desapareceu na hora de falar, quando se viu sozinho com ele na sala de recepção do palácio; mudou completamente o teor do discurso planejado pelo grupo, o povo. A situação do elefante no desfecho da anedota, passando de destruidor do patrimônio público a um simples macho carente, ficou muitíssimo cômica, e verossímil. A condição de Hoja - antes, acompanhado corajoso, e depois, sozinho covarde - girando em torno do imperador, mudou completamente no momento em que ele percebeu que sua vida estava em risco.

6ª ANEDOTA:

TÍTULO: “POR QUE ESSAS LÁGRIMAS”?

PERSONAGENS: HOJA E SUA ESPOSA

CENÁRIO: CASA

CARACTERÍSTICA DE JUHA: REVOLTADO

A esposa de Hoja, zangada com ele, tinha a intenção de castigá-lo, e para isso lhe ofereceu sopa de couve fervente no jantar, a fim de que ele, faminto,

a tomasse rapidamente e se queimasse; mas ela mesma se esquecera do que fizera e tomou primeiro a sopa; no mesmo instante seu corpo ardeu em chamas e lágrimas correram pelo seu rosto. Hoja perguntou: “- Por que essas lágrimas, querida?” Ela, procurando aparentar tristeza, disse que havia se lembrado da mãe, que gostava muito de sopa de couve, e a lembrança a fez derramar essas lágrimas. Enquanto pensava numa palavra de conforto para dizer à mulher, Hoja tomou uma colher cheia de sopa e assim que a engoliu, lágrimas também desceram pelo seu rosto. Ela perguntou: “- Por que chora?” E ele, irado: “- Eu lamento, que sua pobre mãe tenha morrido e você ainda esteja viva.”

Não foi informado no texto por que a esposa de Hoja estava brava com ele. Ela tinha más intenções em relação ao marido, queria se vingar; a sucessão das ações temperou o texto e fez com que ele tivesse um tom cômico: a mulher caindo na sua própria armadilha, depois derramando lágrimas e mentindo, falando da falecida mãe; depois o marido também caindo na armadilha e se dando conta da mentira, irado com a esposa malvada.

7ª ANEDOTA

TÍTULO: “QUESTÃO DE COMPARAÇÃO”

PERSONAGENS: HOJA, A ESPOSA, O SOBRINHO, O GATO

CENÁRIO: CASA

CARACTERÍSTICA DE HOJA: REVOLTADO

Um dia, antes de sair para trabalhar no campo, Hoja foi à sua casa e entregou à esposa dois quilos de carne, e pediu que lhe preparasse um bom guizado para o jantar. Durante a ausência de Hoja, o sobrinho da sua esposa veio visitá-la. Muito feliz em recebê-lo, ela convidou-o para um lanche e os dois comeram toda a carne que o marido havia comprado. Quando Hoja voltou, sua esposa lhe trouxe nada mais do que uma rala sopa de cebolas para o jantar. Ele perguntou sobre a carne e ela, evasivamente, respondeu que o gato a roubou e comeu. Imediatamente Hoja se levantou, pegou o gato e pôs sobre a balança que tinham em casa, que pesou exatamente dois quilos. Olhando severamente para a mulher, Hoja disse: “- Agora, se este é o gato, onde está a carne? Mas se aqui está a carne, onde está o gato?”

Novamente, a esposa de Hoja o enganou, ou melhor, tentou enganá-lo. Fartou-se com o sobrinho, enquanto o marido trabalhava. Havia mentira nas palavras da mulher, e ira na pergunta de Hoja, que pesando o gato na balança, revelou todo o ridículo da sua situação de marido faminto e trapaceado.

8ª ANEDOTA

TÍTULO: “FIEL À LEI”

PERSONAGENS: HOJA E A MULTIDÃO

CENÁRIO: CAMPOS / MERCADO

CARACTERÍSTICA DE HOJA: ESPERTALHÃO

Certa vez, Hoja encontrou no caminho um anel de ouro com um diamante. Gostou muito da jóia e quis ficar com ela; mas de acordo com a Lei, para fazer isso, ele antes teria que anunciar o ocorrido no mercado da cidade em voz alta, e pelo menos três vezes. Como Hoja queria estar em paz com a sua consciência, foi ao mercado, subiu numa cadeira e gritou: “- Encontrei”, e em seguida sussurrou: “- um anel de ouro com diamante”; fez isso três vezes, desceu da cadeira e saiu; mas logo a multidão o cercou, perguntando o que ele havia encontrado, ao que ele respondeu: “- Sinto muito, a lei ordena que se repita apenas três vezes.”

Colocado numa situação em que a sua honestidade foi posta à prova, Hoja se revelou um sujeito preocupado com a leveza da sua consciência, especificamente em relação à Lei e à sociedade; ele fez o que a Lei exigia, mas à sua própria maneira, ou seja, de forma cínica, hipócrita. Através do seu comportamento de sujeito espertalhão, o foco da anedota apontou para as diferentes interpretações a que podem estar sujeitas as mesmas palavras da respeitada Lei, reguladora da sociedade, e toda a trama na qual permaneceu envolvido um homem, que simplesmente cumpriu com as suas obrigações, e com sutileza denunciou a corrupção e a sua relação com o instituído. Hoja debochou da Lei, ao mesmo tempo em que a respeitou, provando não só que isso pode acontecer, mas também sugerindo que este é o caminho da sociedade, baseado na hipocrisia geral.

9ª ANEDOTA

TÍTULO: “LIÇÃO DE BIOLOGIA”

PERSONAGENS: HOJA E O VIZINHO

CENÁRIO: INDETERMINADO (CASA)

CARACTERÍSTICA DE HOJA: IRÔNICO

Hoja pediu emprestada ao seu vizinho uma panela média, e ficou com ela por um mês. Antes de devolvê-la, colocou dentro dela uma panela pequena. O vizinho, ao ver a panelinha, disse a Hoja que aquela não lhe pertencia; então Hoja disse a ele que a panela pequena era filha da panela média, nasceu enquanto estava em sua casa. O vizinho agradeceu a Hoja pela sua honestidade e acabou ficando com as duas panelas. Algum tempo depois, Hoja foi até o mesmo vizinho, e lhe pediu emprestada uma panela grande; ele logo concordou, e emprestou a panela com satisfação. Mas depois de meses com a panela, Hoja não a devolvia; então o vizinho cansou de esperar, e foi lhe pedir que a devolvesse, ao que Hoja respondeu, aparentando tristeza, que queria tê-la devolvido há tempos, mas que, infelizmente, a panela havia morrido.

Esta anedota tratou de uma situação cotidiana, e ao mesmo tempo absurda, em que o vizinho, comodamente, se aproveitou da suposta loucura de Hoja - ou talvez simplesmente tenha acreditado nessa loucura, porque lhe convinha acreditar - até que Hoja lhe trapaceou novamente, sem deixar margem a contestações, pois se o sujeito acreditou que uma panela poderia dar à luz, também teria de acreditar que uma panela poderia morrer.

10ª ANEDOTA

TÍTULO: “NOBLESSE OBLIGE”

PERSONAGENS: HOJA E CRIADOS DO PREFEITO

CENÁRIO: MANSÃO DO PREFEITO

CARACTERÍSTICA DE HOJA: IRÔNICO

Hoja foi convidado para um jantar de cerimônia na casa do prefeito e compareceu vestindo roupas desgastadas, de uso diário. Tentou entrar, mas foi logo expulso por um criado que gritou com ele, chamando-o de mendigo. Aborrecido pelo tratamento humilhante que recebeu, Hoja foi para a sua casa, vestiu o que tinha de melhor, e voltou à mansão do prefeito, e foi muitíssimo bem recebido nesta segunda tentativa, com direito a lugar de honra à mesa. Quando foi servido o jantar, Hoja mergulhou as mangas do casaco no guisado à sua frente, dizendo, irado “- Vamos, come! Você é que foi convidado para jantar!”

O conteúdo do texto foi bastante direto, porém não custa salientar que o foco da narrativa se apóia no valor e no tratamento dado a um indivíduo, diretamente vinculado às aparências, às suas posses e não a ele em si mesmo.⁴²

⁴² Esta anedota, obviamente com alguma variação, está entre aquelas recolhidas e publicadas por Ítalo Calvino na sua obra “*Fábulas Italianas*”, na parte dedicada à personagem “Yufü”.

11ª ANEDOTA

TÍTULO: “SERMÃO PERFEITO”

PERSONAGENS: HOJA E O POVO DA CIDADE

CENÁRIO: MESQUITA

CARACTERÍSTICA DE HOJA: IRÔNICO

Contra a sua vontade, e por muita insistência do povo da cidade, Hoja foi à mesquita para fazer o sermão da sexta-feira, por três semanas consecutivas. Devido à sua fama, havia sempre uma multidão esperando por suas sábias palavras. Na primeira vez, subiu ao púlpito, sentou-se, cruzou as pernas, preparou a garganta e disse ao povo com voz forte: “- Sabem o que vou lhes dizer?” e o povo respondeu em coro: “- Não.” ao que Hoja replicou: “- Direi o que se deve dizer a homens tão ignorantes quanto vocês.” E desceu do púlpito, e saiu da mesquita. Todos ficaram perplexos com isso e, para tentar agradar Hoja na próxima vez, combinaram de responder afirmativamente, caso ele tornasse a fazer a mesma pergunta. Novamente, na segunda semana, Hoja subiu ao púlpito e perguntou em tom vibrante ao povo: “- Sabem o que vou lhes dizer?” e o povo respondeu: “- Sim!” ao que Hoja replicou: “- O que se deve repetir a vocês e que vocês já sabem.” Mais uma vez se recusando a fazer o sermão. O povo, inconformado, decidiu que na próxima vez, se Hoja fizesse a mesma pergunta, uma parte responderia que “sim” e a outra que “não”, e assim foi. Na terceira semana, Hoja subiu ao púlpito e repetiu a mesmíssima pergunta. Metade dos presentes respondeu “- Sim” e a outra metade “- Não”. Então, Hoja disse: “- Aqueles que sabem contem aos que não sabem.” E desceu do púlpito.

Hoja foi praticamente obrigado a subir no púlpito da mesquita, e dizer algo à multidão ansiosa. Com uma pergunta aparentemente simples, ele pôs em cheque a situação no templo religioso, que estava repleto de gente ansiosa por ouvir, passivamente, verdades absolutas, e concordar com elas, já que provinham de um homem “sábio”. Mas seu silêncio prevaleceu, para a perplexidade geral, desmontando completamente a pregação. Fica evidente aqui, a crítica à relação entre o “líder religioso” e o “povo”.

12ª ANEDOTA

TÍTULO: “HOMEM AVARENTO”

PERSONAGENS: HOJA E O GERENTE

CENÁRIO: LOJA (RAÇAFA, ÀS MARGENS DO TIGRE)

CARACTERÍSTICA DE HOJA: IRÔNICO (LOUCO)

Quando visitava a Raçafa, às margens do Rio Tigre, Hoja entrou numa loja e escolheu para si uma calça, mas, antes de pagá-la, mudou de idéia e preferiu levar no lugar dela um roupão leve, que foi prontamente empacotado. Hoja pegou o pacote e saiu da loja apenas dizendo: “- Até logo”, mas o gerente logo o alcançou na porta lhe disse: “- Você se esqueceu de pagar o roupão.” Surpreso, Hoja sorriu e disse: “- Mas eu deixei a calça no lugar dele!” E o gerente: “- Você também não pagou a calça.” Hoja sorriu desdenhosamente e chamou o homem de “avarento”, disse a ele: “- Como quer que eu pague uma coisa que não comprei?!”

Uma cena de trapaça. Um espertalhão invertendo a ordem dos fatores e colapsando a lógica da compra, gerando um “curto-circuito” na negociação da peça escolhida. Um “louco” que sabia muito bem o que estava fazendo, e ironicamente enlouqueceu as outras pessoas.

(*)

13ª ANEDOTA

TÍTULO: “SECAR FARINHA”

PERSONAGENS: HOJA E O VIZINHO

CENÁRIO: CASA

CARACTERÍSTICA DE HOJA: IRÔNICO (RÍSPIDO)

Um vizinho de Hoja tinha por costume pedir emprestado tudo o que via; um dia, ele bateu à porta da casa de Hoja, e pediu a ele que lhe emprestasse uma corda, que era usada para estender roupas, e Hoja lhe disse: “– Sinto muito, mas a corda está sendo usada.” O vizinho não desistiu, e lhe perguntou se no dia seguinte ele poderia emprestá-la, e Hoja lhe disse: “- Estará em uso ainda.” O vizinho lhe perguntou o que ele estava fazendo com a corda, e Hoja lhe disse: “- Estou usando para secar farinha.” O vizinho estranhou, e lhe perguntou como era possível secar farinha numa corda, e Hoja lhe disse: “- Se não quero lhe emprestar a corda, essa desculpa basta.”

Nesta anedota, uma cena cotidiana, em que foi mostrada a relação entre Hoja e o seu vizinho bisbilhoteiro. Hoja tentou ser educado com o vizinho, até que a conversa chegou num ponto em que ele simplesmente perdeu a

paciência e, sem meias palavras, lhe disse que não iria emprestar a corda porque não queria.

﴿*﴾

14ª ANEDOTA

TÍTULO: “O ANALFABETO”

PERSONAGENS: OMAR (O ANALFABETO) E HOJA

CENÁRIO: CASA

CARACTERÍSTICA DE HOJA: MALVADO

Omar, o analfabeto, foi procurar Hoja em sua casa à noite, para lhe pedir que escrevesse uma carta. Com malevolência indisfarçável, Hoja pegou o papel e a tinta. Subitamente, parou e ficou pensando; depois perguntou ao analfabeto se a carta iria para muito longe; este estranhou a pergunta e quis saber se havia alguma diferença na distância percorrida; Hoja disse que havia sim, porque só ele seria capaz de decifrar o conteúdo da sua escrita, e por isso precisaria segui-la, e que todas as despesas com a viagem caberiam ao remetente. Perturbado, Omar desistiu e foi embora.

Aqui se revelou a maldade de Hoja: diante de um iletrado, que apareceu na sua casa à noite, provavelmente sem ser esperado... Ao invés de simplesmente dizer que não iria escrever a carta, ele ridicularizou o analfabeto, e o fez desistir de ir adiante, com aquela conversa absurda. O analfabeto foi humilhado, ficando à mercê da “boa vontade” do letrado.

﴿*﴾

15ª ANEDOTA

TÍTULO: “NÃO TE AFASTES DA PORTA”

PERSONAGENS: JOVEM NASREDDIN, SUA MÃE, VIZINHOS, CUNHADO DE NASREDDIN

CENÁRIO: CASA / RUA

CARACTERÍSTICA DE HOJA: IDIOTA

Um dia, quando Nasreddin era ainda um juvenzinho, sua mãe saiu para um passeio com os vizinhos e, antes de sair, lhe recomendou enfaticamente que não descuidasse da porta da casa por um só instante, nem se afastasse dela em hipótese alguma. Nasreddin permaneceu sentado à soleira da porta durante horas, até que apareceu o cunhado e lhe pediu que avisasse sua mãe de que ele pretendia visitá-la à noite com a família. Confuso, ao ver-se numa situação tão conflituosa - já que não devia se afastar da porta e nem deixar dar o recado do cunhado à mãe - levantou-se de súbito, abriu a porta e chutou-a até conseguir arrancá-la das dobradiças; então a colocou sobre os ombros e seguiu para o lugar onde estava sua mãe. Ao vê-lo, ela gritou: “- Nasreddin, o que é isso?! O que você fez com a porta?!” E ele disse: “- Mãe, eu vim lhe avisar de que o meu cunhado nos visitará esta noite. Como me recomendou que não me afastasse da porta, achei mais seguro carregá-la.”

Aqui, Nasreddin se revelou um perfeito idiota, um estúpido, que não pensou, ou pensou de maneira extremamente limitada. Ele fez, literalmente,

aquilo que lhe ordenaram. Ao mesmo tempo em que foi obediente, foi também transgressor, pois fez tudo errado.⁴³

16ª ANEDOTA

TÍTULO: “TOLO E NÃO IMBECIL”

PERSONAGENS: HOJA, SEU JUMENTO, OS FREGUESES E O MOLEIRO

CENÁRIO: MOINHO DA CIDADE

CARACTERÍSTICA DE HOJA: CÍNICO (CARA-DE-PAU)

Carregando no seu jumento dois grandes sacos de trigo, Hoja foi ao moinho da cidade, que como sempre estava lotado de gente. Enquanto aguardava a sua vez, ele colocou os sacos no chão, abriu-os e começou a colocar o trigo alheio dentro deles. O moleiro percebeu e lhe reprimiu, perguntando o que significava aquilo. Hoja lhe disse que fazia aquilo porque era meio tolo e sempre fazia o que lhe vinha à cabeça. O moleiro lhe perguntou por que ele não fazia o contrário então, se era um tolo. Hoja disse a ele que era meio tolo e não imbecil.

Nesta anedota Hoja se apresentou como um cínico, um homem que descaradamente se fingiu de louco para tirar vantagem disso⁴⁴.

⁴³ Esta história, com alguma variação, também integra o livro *Fábulas Italianas*, de Ítalo Calvino.

⁴⁴ Esta é a mesma historieta presente no *Livro do a-b-c* (kitab álif-ba’), do andalusino Yúçuf Ibn Aššayḥ de Málaga – século XIII, apresentada na Introdução desta Dissertação. Uma tradução dela aparece no livro *Histórias para ler sem pressa*, de Mamede Jarouche.

17ª ANEDOTA

TÍTULO: “INTERESSANTE EXPERIÊNCIA”

PERSONAGENS: GIHA, SEU JUMENTO E INTERLOCUTORES

CENÁRIO: INDETERMINADO (CASA)

CARACTERÍSTICA DE HOJA: ESTÚPIDO

A fase financeira de Giha era péssima, como sempre, e por isso ele se viu obrigado economizar. A ração do seu jumento foi o primeiro item reduzido, ele passou a oferecer a metade do que oferecia, e como não notou diferença na reação do animal, comentava vitorioso que comer era apenas uma questão de hábito; confiando nisso, diminuiu gradativamente a alimentação do burro, até que a suspendeu por completo e, como se poderia prever, dias depois o animal morreu. Giha ficou profundamente consternado e a quem tentava consolá-lo dizia que era má sorte sua o animal morrer justamente quando estava se acostumando a não comer.

Esta anedota parece bastante trágica, ou tragicômica, melhor dizendo, já que o tema central - a miséria, a fome - foi abordado com a leveza que, geralmente, só os palhaços conseguem transmitir em determinadas ocasiões (de dor extrema).

(*)

18ª ANEDOTA

TÍTULO: “O HÁBITO DE SER POBRE”

PERSONAGENS: HOJA E UM JOVEM HERDEIRO FALIDO

CENÁRIO: HOMS

CARACTERÍSTICA DE HOJA: SINCERO

Na cidade de Homs, havia um jovem que herdou grande fortuna da família, mas, incapaz de administrá-la, em pouco tempo ficou na miséria. Abandonado pelos amigos e desesperado, foi procurar o velho sábio Nasreddin Hoja. Se lamentando, o jovem perguntou a ele o que deveria fazer, agora que não tinha mais nem dinheiro e nem amigos. Consolando-o, Hoja lhe disse para não ficar daquele jeito, que tudo se arranjará. Esperançoso, o jovem perguntou a Hoja se ele acreditava que seria possível voltar a ser rico, e ele respondeu: “Eu não quis dizer isso, mas sim que com o tempo, você se acostumará a ser pobre e sem amigos.”

Nasreddin aqui se apresentou como um sábio, procurado por um jovem falido, e com sinceridade, beirando a crueldade, afirmou que o caso do jovem se resumia assim: sem dinheiro, sem amigos; constatou que todas as relações de amizade, naquele caso, eram movidas por interesses materiais. O tolo aqui é o jovem, aquele não sabe trabalhar e nem percebe os motes das relações sociais.

﴿ * ﴾

19ª ANEDOTA

TÍTULO: “FIM DO MUNDO”

PERSONAGENS: GIHA, SEU CARNEIRO E OS RAPAZES DA CIDADE

CENÁRIO: INDETERMINADO / CASA / LAGO

CARACTERÍSTICA DE HOJA: TOLO (VINGATIVO)

Um dia, os rapazes da cidade resolveram enganar Giha, que tinha um belo carneiro, que criava com todo carinho. Um por um, vinham lhe dizer que o mundo iria acabar no dia seguinte, e que por isso o melhor a fazer seria sacrificar logo o animal, preparar um bom assado, e logicamente convidá-los para comer. Primeiro, Giha não quis aceitar a idéia absurda dos rapazes, mas foi tanta a insistência deles, que cedeu. Enquanto Giha preparava a refeição, os rapazes foram tomar banho num lago próximo. Quando saíram, não encontraram suas roupas e, surpresos, perguntaram sobre elas a Giha, que respondeu: “– Usei-as para alimentar o fogo! Vocês se esqueceram que hoje é o último dia do mundo?”

Aqui Giha nos pareceu ambíguo: tolo e esperto; se deixou enganar, e depois se vingou dos que o enganaram, expondo-os ao ridículo de seus corpos nus.

20ª ANEDOTA

TÍTULO: “DUAS PORTAS” (VERSÃO NA SÍRIA)

PERSONAGENS: GIHA, SEUS AMIGOS E A SUA ESPOSA

CENÁRIO: RUA / CASA

CARACTERÍSTICA DE HOJA: CÍNICO (CARA-DE-PAU)

Giha encontrou alguns amigos casualmente e, por mera educação, convidou-os para almoçar; no mesmo instante, eles aceitaram e ele se arrependeu do que disse. Chegando à sua casa, Giha entrou e, calmamente, fechou a porta, deixando do lado de fora seus amigos que, inconformados, começaram a bater à porta e chamar por seu nome. A esposa de Giha decidiu tomar uma atitude: foi à porta e disse a eles que o marido não estava. Nervosos, disseram a ela que não eram idiotas e não aceitariam esse tipo de brincadeira, pois eles e Giha vieram juntos. Nesse momento, Giha pôs a cabeça para fora da janela e lhes disse: “– Por que tanto barulho, amigos? Esta casa tem duas portas. Talvez Giha tenha entrado por uma e saído por outra.”

Giha convidou seus amigos para almoçar, mas não esperava que eles aceitassem o convite; eles não só aceitaram prontamente, mas seguiram-no até sua casa. Ele se fingiu de desentendido, e sua esposa foi sua cúmplice, mas não conseguiu livrá-los daquela situação inconveniente. Quando Giha apareceu na janela, lhes dizendo que ele poderia ter saído por outra porta, como se ele mesmo fosse outra pessoa, o absurdo dominou a situação.

﴿ * ﴾

21ª ANEDOTA

TÍTULO: “ESPERTALHÕES”

PERSONAGENS: GIHA, UM JUMENTO E DOIS ESPERTALHÕES

CENÁRIO: MERCADO CENTRAL DE BAGDÁ / ESTRADA / CASA

CARACTERÍSTICA DE HOJA: ESTÚPIDO

Hoja comprou um burro no mercado central de Bagdá, e voltava para a casa caminhando com as rédeas do animal nas mãos, visivelmente satisfeito com a compra. Por todo o percurso, ele foi seguido por dois ladrões. Em dado momento e com rara habilidade, um dos ladrões desatou o nó da corda que prendia o animal, amarrou no pescoço do companheiro e desapareceu com o burro. Quando chegou à sua casa e viu um homem no lugar do burro, Hoja tomou um susto e perguntou ao homem: “– Quem é você e o que fez com o meu burro?” O homem respondeu: “– Tenha piedade de mim! Agredi minha mãe e por isso ela me amaldiçoou, rogando a Deus que me transformasse em burro. Mas, agora, ao que me parece, ela se lembrou de mim e rezou para facilitar meu retorno ao estado humano. Em seguida, beijou as mãos de Nasreddin, vivamente grato. Libertando o homem, o bondoso Hoja disse: “– Agora que estás livre, seria prudente nunca mais ferir o coração de tua mãe!” No dia seguinte, Hoja retornou ao mercado para comprar outro jumento. Para a sua surpresa, viu o próprio animal entre os burros à venda. Imediatamente, chegou perto do jumento, e disse-lhe ao ouvido: “– Há pessoas que nunca aprendem! Estou vendo que voltaste a ofender tua mãe! Que te compre quem não te conheça!”

Nesta anedota Hoja foi completamente ingênuo. Acreditou em toda a trapaça dos ladrões e foi enganado com maestria, num jogo que envolveu uma sucessão calculada de ações no tempo (o que é fundamental à comicidade): ele demorou a perceber a troca de lugar entre o homem e o burro e, quando percebeu, assustado, ouviu e aceitou a explicação absurda do ladrão. A demora, a

pausa (susto) e a repetição (o retorno ao mercado e o reencontro com o burro) estruturam a história. Hoja simplesmente acreditou que o homem pôde ser transformado num burro pela maldição da mãe, e que depois, com o perdão dela, voltou a ser homem. Ele nem ousou duvidar do poder da maldição da mãe, o poder feminino; o trocadilho burro = homem / homem = burro condensa a narrativa; a total falta de malícia de Hoja implica na sua estupidez exacerbada.

A título de ilustração e de resumo, apresentamos a seguinte tabela, com as 21 anedotas que compõem a amostra acima descrita, com ênfase nas características da personagem Juha:

Anedota	Característica de Juha
TOLO E NÃO IMBECIL	cínico (cara-de-pau)
DUAS PORTAS (VERSÃO NA SÍRIA)	cínico (cara-de-pau)
O ELEFANTE	Covarde
FIEL À LEI	Espertalhão
ÁUREA JUSTIÇA	Esperto
INTERESSANTE EXPERIÊNCIA	Estúpido
ESPERTALHÕES	Estúpido
NÃO TE AFASTES DA PORTA	Idiota
COMENTÁRIO FILOSÓFICO	Impassível

VALOR INTRÍNSECO	Irônico
FIEL À PALAVRA	Irônico
LIÇÃO DE BIOLOGIA	Irônico
“NOBLESSE OBLIGE”	Irônico
SERMÃO PERFEITO	Irônico
HOMEM AVARENTO	irônico (louco)
SECAR FARINHA	irônico (ríspido)
O ANALFABETO	Malvado
POR QUE ESSAS LÁGRIMAS?	Revoltado
QUESTÃO DE COMPARAÇÃO	Revoltado
O HABITO DE SER POBRE!	Sincero
FIM DO MUNDO	tolo (vingativo)

4. OBSERVAÇÕES GERAIS

Com base nas anedotas que compõem o livro de Kuraiem, as que foram escolhidas e analisadas como exemplo no corpo do texto desta dissertação e também as demais, podemos dizer que:

— Juha aparece nas anedotas com diferentes idades e características;

— quase sempre, ele está acompanhado por uma pessoa ou mais — somente em três anedotas — “Avelã e Melancia”, “Teme a Mulher”, “Digno Elogio”— das 84, ele aparece sozinho, mas ainda assim interage com os seus

pensamentos e com as coisas ao seu redor, que nas anedotas citadas, respectivamente, são: a avelã, a lareira, e o mar;

— ele se caracteriza por ser às vezes: alegre, cínico, corajoso, covarde, dissimulado, estúpido, ingênuo, impassível, malvado, medroso, mentiroso, nervoso, otimista, revoltado, simplista, sincero, tolo e sábio, no entanto, a qualidade mais recorrente é a de irônico;

— ele é enganado por sua mulher, mais de uma vez, o que lhe causa revolta, mas em outros momentos, ela é sua cúmplice;

— várias vezes, ele interage com os animais, sobretudo com o seu burro;

— a inteligência dele varia radicalmente;

— ele às vezes trapaceia e às vezes é trapaceado;

— duas vezes (em “O Corvo e o Sabão” e “A Tinta”), a cor preta é por ele considerada um sinal de sujeira;

— ele desqualifica a figura do filósofo e do líder religioso;

— sutilmente, ele ofende a autoridade política dominadora (Temerlane);

— o personagem se caracteriza por ser um “tipo”, quase uma caricatura, que varia conforme a situação, sem ter profundidade psicológica;

— Juha pode ser considerado um palhaço, um curinga, um bobo, um mestre, um sábio cuja sabedoria consiste em criticar a sociedade e a política, mas com leveza, com humor;

— dentre os temas recorrentes, merecem destaque a miséria, o casamento, a religião, a política, a sociedade e o conhecimento.

5. Considerações Finais

O livro *Nawādir Juha* (*Anedotas de Juha* – كتاب نوادر جحا) foi mencionado no século X pelo escritor árabe Ibn-Annadīm (ابن النديم), que se dispôs a elencar os livros árabes na sua obra *Alfahrist* (*O Catálogo* - الفهرست).⁴⁵ Um os primeiros pesquisadores que se interessou em estudar o personagem foi René Basset.⁴⁶

Entre os personagens-bobos existentes na literatura árabe, como Bahlūl (بهلول) e Ax^{ab} (أشعب), Juha é o mais perene.

Tanto na Pérsia quanto na Turquia, e mesmo no Brasil, nosso Juha é chamado de “mestre” Nasrudin (“mawla”, “khoja”, “mulá”). Apesar das discórdias entre os pesquisadores, o mais razoável é que as histórias de Juha tenham mesmo sido transmitidas oralmente durante o império islâmico. Discórdias são comuns entre os acadêmicos; no entanto, nosso interesse nessa pesquisa se fixou somente no personagem literário. Juha coloca em questão o próprio conceito de “árabe”, que está mais ligado a uma língua do que a uma etnia em particular; também coloca em questão o conceito de “turco”, “persa”, “egípcio”, ou seja, ele é um personagem que ultrapassa fronteiras políticas e une povos.

⁴⁵ NAJJAR, Muhammad Rajab. *Juha al-'Arabi*. Kuwait: 'Ālam AlMa'rifa Series, No. 10, Outubro 1978.

⁴⁶ BASSET, René. Op. Cit.

O personagem atua como um tipo de “curinga” na literatura, que parece ser um “nômade”, o que não exclui a possibilidade de ser também um “universal”, um exemplo de caso de assimilação a um estereótipo, comparável ao germânico Till Eulenspiegel, ao indiano Birbal, ao chinês Afanti Nasredine, ao servo-croata Bertoldo e ao Hershelle Ostropollier dos judeus da Europa Oriental. Tudo nele, inclusive o seu nome, varia: no Egito é **Goha**; no Sudão, **Jawha**; na Algeria, **Jeha**; no Marrocos, **Jha**; em Malta, **Jahan**; na Sicília, **Giufa**; no sul da Itália, **Jofa**, **Jufa**, **Jugale** e **Giuvalle**, e no norte da Itália é **Giucca**⁴⁷; diante de todos esses nomes aparentados, não seria nada absurdo aceitar a proposta do professor Corriente — que o nome do famoso personagem travesso português Joãozinho, que nas piadas geralmente é um jovem e por isso o diminutivo, deriva do nome João, que por sua vez tem grande possibilidade de ser uma evolução em língua romance do nome da figura folclórica árabe **Juha**.⁴⁸

A ambivalência é uma das suas principais características; em diferentes contextos, ele se apresenta como um personagem “tipo”, uma “caricatura”, sem profundidade psicológica, à beira da civilidade. Ele dialoga com as pessoas e mesmo com as coisas ao seu redor, colocando-se em relação a elas nas situações cotidianas representadas nas suas anedotas; interage com os serviçais, o filósofo, o imperador, os amigos, a esposa, a natureza, a lei, o

⁴⁷ LUNDE, Paul. Op.cit. MACHADO, Regina. Op. cit. NOONAN, John. Op cit.

⁴⁸ Comunicação pessoal do professor, feita durante a aula da disciplina de pós-graduação “O Islam na Península Ibérica: passado e projeções presentes”, na Faculdade de Letras-USP, no dia 03/10/2011.

vizinho, a religião, o analfabeto, o burro, os ladrões... Em cada contexto, seu desempenho varia e ele se apresenta mais ou menos esperto: com sua esposa, por exemplo, ele comumente é o enganado, o revoltado.

As anedotas de Juha tratam de coisas estruturais à ordem social e remetem aos conflitos individuais perante essa ordem. Ele é um homem, representante de uma sociedade patriarcal e suas instituições, que coloca uma espécie de lente de aumento em circunstâncias cotidianas e se transforma numa caricatura, denunciando o descontentamento individual ante as imposições das regras de civilidade; é um anti-social, que não raro interage com os animais e assim põe em foco a condição humana e suas particularidades: muitas vezes, seu burro é apresentado como o seu melhor amigo, o que pode ser considerado uma heresia ante o islã — que considera esse animal barulhento e teimoso o maior exemplo de ser inconveniente, incapaz de aprender — e pode também nos remeter a um saudoso tempo mítico, em que o homem se comunicava perfeitamente com os animais, vivendo em paz, sem pecado e sem juízo, sem família e sem religião, sem precisar de dinheiro para nada e sem ter consciência da materialidade da existência e sua finitude.

Em variados aspectos, questões materiais são uma constante em quase todas as anedotas. O personagem se apresenta: sendo mal tratado por ser pobre; desdenhando da autoridade política; não informando a sua verdadeira idade (mostrando assim o seu conflito em envelhecer, a sua inadequação e também a das palavras repetidas de forma automática); sugerindo que a cor preta é um sinal de sujeira (atribuindo uma mancha em sua roupa ao suor de um servo negro, por

exemplo...); sendo maltratado e trapaceado pela sua esposa; simulando ser louco, para tirar alguma vantagem disso; troçando da eficácia da obediência à lei; tentando se livrar dos seus vizinhos e amigos intrusos; humilhando ao analfabeto; inconsolável pela morte do seu burro, causada pela fome; enganado por ladrões, não ousando duvidar da capacidade de uma mãe amaldiçoar o filho...

Juha revela suas várias características em situações diárias, que ocorrem em diferentes ambientes: na sua casa, no campo, na rua, no café, no mercado, na mesquita... Em todas as situações e em todos os lugares, ele tende a alterar a ordem das coisas, promovendo assim a crítica, do indivíduo ante o grupo.

Em circunstâncias que envolvem pagamentos, Juha se revela um legítimo trapaceiro. Evidencia a mesquinhez dos funcionários que tratam o cliente de acordo com a aparência deste, e termina por se vingar de maneira triunfal. Algumas vezes, ele simplesmente se finge de louco, para não precisar desembolsar nada e conseguir o que quer. Outras vezes, ele é completamente estúpido...

O conhecimento é um tema frequente nas anedotas de Juha: com vigor, ele despreza a figura do filósofo, bem como do líder religioso; procede livremente, de acordo com as suas próprias idéias, ao invés de se esforçar para agradar as pessoas ao seu redor; aos que esperam por palavras reconfortantes e verdades absolutas, Juha oferece não mais do que o seu silêncio. A anedota do sermão, na qual uma multidão ansiosa de fiéis aguardava o discurso de Juha, é

bastante exemplar nesse sentido: subindo ao púlpito contra a sua vontade, ele transformou o que seria uma ocasião totalmente previsível, num problema para os presentes, desqualificando simultaneamente, tanto a figura do líder religioso, quanto dos fiéis, que o prestigiam. Existe uma variedade de versões dessa história, nem sempre atribuída a Juha: por exemplo, na versão que consta no livro *Jardim de Rosas*, de Ibn-‘Ácim de Granada (séc. XV), o protagonista é um orador chamado Abu-Alanbas⁴⁹; já num manuscrito egípcio, do séc. XII ou XIII, o protagonista não é nomeado⁵⁰.

O silêncio de Juha é pleno de significado e coloca em questão a substancialidade das palavras, que podem ou não ter diversas interpretações, e isso aponta diretamente para aquele que as interpreta, ou seja, o indivíduo.

Outra menção indireta ao silêncio aparece numa história na qual Juha fica estupefato no mercado, quando lhe dizem o preço de um papagaio; então ele vai à sua casa, pega um peru, leva ao mercado e tenta vendê-lo pelo mesmo preço, mas ninguém quer pagar e ele fica inconformado, pergunta por que o papagaio é tão mais caro e lhe dizem que “o papagaio fala”, e então ele retruca dizendo que “o peru pensa”. É bastante claro que, metaforicamente, está dito que “quem” pensa não fica falando, e/ou faz isso melhor calado; por consequência, a

⁴⁹ VVAA. *Histórias para ler sem pressa*. Seleção e tradução de Mamede M. Jarouche. São Paulo: Editora Globo, 2008. pp. 71, 74.

⁵⁰ SADAM, Joseph. “Conflicting tendencies between higher and lower strata of humor – Some Genizah fragments, in, *Humor in Arabic Culture*. (Ed. Georges Tamer). Berlin / New York: Walter de Gruyter, 2009. p. 147.

tagarelice indica o não pensar, que mesmo oco de sentido, tem grande valor no mercado, e o silêncio indica a reflexão, não tão valorizada.

Não são raras as histórias onde Juha aparece tentando se livrar das pessoas que o procuram em sua casa, para lhe pedir algo emprestado, um favor, uma refeição; o vizinho, o analfabeto, os amigos: todos esses desempenham papéis de intrusos na vida particular de Juha — em sua casa, e parece que só nela, ele desfruta de algum status, e luta para preservá-lo.

A crítica à sociedade é uma constante nas anedotas, mesmo naquelas que à primeira vista remetem ao puro *nonsense* — às vezes, a ausência de sentido (a impossibilidade) é tão relativa quanto a presença (a possibilidade) — o vizinho que acreditou que a sua panela média havia parido outra pequena, e aceitou ficar com as duas, também teve de acreditar que a sua panela grande havia morrido, sem poder contestar: ele não contava com a astúcia de Juha, que provavelmente lhe pareceu um simples ser abestalhado e inofensivo; o vizinho foi obrigado a sofrer as conseqüências do seu julgamento.

Um aspecto que notamos, é que a cena descrita numa das anedotas de Juha, na qual ele monta no seu burro às avessas, poderia ser comparada a um *charivari* – carnavalesco ritual de justiça popular, praticado na Europa, de Portugal à Hungria, entre o século XVI e XVIII — no qual a vítima da difamação “podia ser levada pelas ruas, montada de costas num burro”⁵¹ ao som do batuque

⁵¹ BURKE, Peter. Cultura popular na Idade Média; tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010. pp. 269-270. A vítima podia ser um velho casado com uma moça

de panelas e caçarolas; essa informação talvez seja apenas uma curiosidade relativa às práticas populares, que pode ter alguma relação com a literatura jocosa.

Na anedota supracitada — que no livro de Kuraïem está sob o título: “Errada e Certa” — Juha (Giha) ia com seus alunos à mesquita, e sem querer, errou o lado ao montar no jumento; quando se deu conta, já era tarde, e todos estavam rindo dele, que dissimulou, dizendo-lhes que fez aquilo só para poder controlá-los durante o caminho, e que conforme o caso, o modo que é errado torna-se certo...

O misticismo se faz presente nesta e muitas outras histórias; aquilo o que é dito, é feito sutilmente, de modo figurado; as anedotas se referem ao real através da ficção, valorizando o “conhecimento pela via da experiência” (significado da palavra grega *gnosis*)⁵². É no campo do fictício, e em muitos casos somente nele, que algumas coisas podem ser ditas, por isso a importância e a permanência das fábulas.

Atualmente, a maior parte dos livros de Juha é voltada ao público infantil, e isso nos leva a questionar as razões disso. Toda classificação, voluntária ou involuntariamente, tende a criar uma hierarquia, e isso ocorre com os diferentes tipos de textos escritos: uns são considerados mais importantes do

(ou vice-versa), ou qualquer um que se casava pela segunda vez, uma moça que se casava fora da aldeia, um marido que era corno ou que apanhava da mulher.

⁵² FIORILLO, Marília. *O Deus Exilado – breve história de uma heresia*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2008. p. 35.

que outros; tanto no caso da literatura infantil quanto da literatura folclórica, temos exemplos de tipos que são normal e sutilmente considerados pouco importantes.

Podemos estar diante de um caso de “domesticação” de histórias, o que faz sentido, sobretudo no caso de um personagem anti-social como o Juha, que critica a tudo e a todos ao seu redor.

A comunicação permeada por humor e ironia⁵³ é disfarçada e se vale da ambigüidade para seus fins, com isso o leitor de textos desse tipo é desafiado a reagir. Através do uso de estratégias textuais, o discurso ficcional tem a possibilidade de quebrar regras e avançar fronteiras. A ironia lida com a mentira subentendida na linguagem, em diversas formas e funções mais ou menos visíveis, dependendo da perspicácia e da intelectualidade para gerar reflexão. Um posicionamento diante do que é instituído pode estar embutido na retórica, o que é quase um paradoxo, não tão grande quando constatamos que desde longa data, letrados vivem e trabalham de acordo com os interesses das autoridades políticas.

Quando um leitor consegue perceber as nuances de um texto humorístico, ele ri.

Muitos estudiosos do riso afirmam que o homem é o único animal que ri; o riso pode estar relacionado à sensação de superioridade diante do risível, mas também à consciência da morte e dos aspectos trágicos da vida, isso em

⁵³ Sobre esse assunto: DUARTE, Lélia Parreira. *Ironia e humor na literatura*. Belo Horizonte: Editora PUCMinas / Alameda, 2006.

conexão à capacidade de distanciamento, proporcionada pelo prazer de pensar e subverter provisoriamente as coisas. O riso, portanto, é essencialmente ambíguo — remete à alegria e ao prazer, mas também à tristeza e à dor; consciente, ou mesmo inconsciente, de sua miséria, o homem ri, à espreita da possibilidade de ultrapassar limites ante a impossibilidade de atingir o conhecimento completo, ou a verdade absoluta; o ato de rir dá vazão ao nada, à liberdade diante dos condicionamentos e racionalismos validados pela rígida organização social, valorizando a experiência do não-saber e desvalorizando as fronteiras do “sério” e do limite da existência.

A organização social é baseada em normas, que tendem a aceitar o sério e coibir o riso, e é nesse jogo de conduta que o humor ajuda a lidar com a repressão, provocando o riso e rompendo com os automatismos.

O riso escapa facilmente a definições e vem sendo estudado por várias ciências: filosofia, psicologia, história, antropologia; todas elas contribuem para o seu estudo, que se estende pelos campos da interdisciplinaridade.

É bastante significativo, e talvez não seja mero acaso, que os primeiros estruturalistas tenham sido também folcloristas; os assuntos do “povo” são constantes, com variações locais, mas essencialmente os mesmos.

Falar em literatura folclórica no âmbito dos livros é quase uma armadilha; isso porque na história da humanidade, o letramento, o texto escrito, vem sendo popularizado há pouco tempo, se é que podemos ousar afirmar isso, pois o que vemos por aí se parece muito mais com a banalização da escrita, do

que sua real valorização. Na prática, o crescimento dos índices de alfabetização, não necessariamente amplia questionamento e a consciência dos alfabetizados.

Conclusão

A literatura é uma forma de expressão artística que envolve as palavras, a comunicação e a criatividade — fazemos questão de enfatizar, porque temos a impressão de que nem sempre isso é lembrado. As histórias são vivas e transitam pelo mundo; a materialidade representada pelos livros é apenas uma parte do mundo das histórias e das palavras. Ao olharmos para a história dos livros e para a história dos livros de histórias, temos a possibilidade de vislumbrar algo como uma rede, que é a literatura mundial, formada por criações, traduções e “transcriações”.

Estudando o personagem Juha, podemos ter ideia da dimensão temporal e espacial alcançada por algumas narrativas a ele relacionadas, o que implica numa visão histórica, baseada na sua presença em diferentes livros.

Após o advento do islã, árabes e arabizados integraram um extenso império, que sucedeu o bizantino e precedeu o mongol e o otomano; durante esse tempo nos territórios ocupados, a língua árabe se espalhou, influenciou e sofreu influência das línguas com que teve contato.

A jocosidade é imanente à cultura e à retórica árabe, onde as figuras de linguagem têm importância fundamental, principalmente a alegoria. A retórica pode ser comparada a uma ponte, entre o texto e o contexto. Mais do que simplesmente dizer algo, é desejável que o narrador saiba dizer esse algo da

melhor forma possível, com pertinência e elegância, numa palavra, com eloquência.

Desde as origens da prosa árabe (da qual são considerados pioneiros os autores Ibn-Almuqaffa^c e Aljāhiz), é bastante comum a presença de anedotas nos livros, a maior parte deles de caráter didático e propositalmente passíveis de variados graus de profundidade de interpretação; cabe ao leitor saber aproveitar o que está escrito, nas linhas e entrelinhas.

O humor tem importância fundamental na linguagem, pois torna a comunicação mais fluida, menos sisuda. Como típica forma simples, a anedota é um claro exemplo da relação indissociável entre as linguagens escrita e oral.

Os estudos referentes ao humor apresentam divergências entre si em relação a vários aspectos; no entanto, uma quantidade significativa deles o relaciona a fatores biológicos, o que respalda o seu caráter universal.

Pesquisas guiadas por interesses culturais, geralmente acarretam na valorização dos aspectos comuns a todos os seres humanos, enquanto as guiadas por interesses políticos, geralmente acarretam na valorização dos aspectos diferentes, que justificam a criação e a manutenção de fronteiras.

Certamente, falar em “cultura” não é coisa simples, sobretudo se olharmos para o mundo e tomamos contato com as variadas brutalidades diárias, que constituem parte da nossa realidade “humana”.

Se falar em cultura não é simples, falar em cultura árabe é então um pouco menos simples — já que o termo “árabe” designa mais uma língua do que um povo ou uma etnia em particular — além do fato do senso comum estar acostumado a não valorizar esse “tipo” de cultura. No Brasil, como em outros países do mundo, a desvalorização (não só de elementos árabes, mas também ameríndios e africanos, para citar somente os mais óbvios...) é uma das principais formas de dominação. Não é à toa que certas publicações como as de Kuraiem se transformam em “raridades”; nada é à toa.

Concluimos esta dissertação com a certeza de que ela é um estudo inicial, para outros mais aprofundados sobre o personagem, suas viagens no tempo e no espaço, as transmutações sofridas, as influências e contribuições para a literatura mundial. Somos cientes ainda que tais estudos serão mais significativos se seus autores forem mais proficientes em língua árabe.

É nosso compromisso.

Fontes e Referências Bibliográficas

Artigos e livros:

ABDUL-Raof, Hussein. *Arabic Rhetoric – a pragmatic analysis*. London – New York: Routledge, 2006.

ALBERTI, Verena. *O Riso e o Risível: na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ALMEIDA, Fernando Afonso de. *Linguagem e humor – comicidade em Lês Frustres de Claire Bretécher*. Niterói: RJ EDITORA, 1999.

ANÔNIMO. *Livro das Mil e Uma Noites* - Vol. 1, (trad, org, intro e notas de Mamede Mustafá Jarouche. São Paulo: Editora Globo, 2005.

ANÔNIMO. *Pañcatantra – Fábulas Indianas* – livro I, 2ª. Ed., (trad. de Maria da Graça Tesheiner, Mariane Erps Fleming e Maria Valéria Anderson de Mello Vargas). São Paulo: Humanitas, 2004 e 2008.

ARÊAS, Vilma. *Iniciação à Comédia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

ATTARDO, Salvatore. *Linguistic Theories of Humor*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 2005.

BAITELLO Jr. *O Animal que parou os relógios – ensaios sobre comunicação, cultura e mídia*. São Paulo: Annablume, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais*. São Paulo, Brasília: Hucitec/ UnB, 2008.

BASSET, René. *Melanges Africains et Orientaux*. Paris, 1915.

- _____. *Recherches sur si Djeha*. Paris,
- _____. *Les Fourberies de si Djeha*. Paris: E. Leroux, 1891.
- BERGSON, Henri. *O Riso*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BREMER, Jan e ROODENBURG, Herman (org.). *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2000.
- BRENIFIER, Oscar. “Nasruddin Hodja, a popular philosopher and master of the negative way”. “La civilisation arabo-musulmane au miroir de l’universel: perspectives philosophiques”. Paris: UNESCO, 2010.
- BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CALVINO, Ítalo. *Fábulas Italianas*. (trad. Nilson Moulin), São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CHALITA, Mansour. *As mais Belas Páginas da Literatura Árabe*. Rio de Janeiro: Ed. Acigi, s/d.
- DARWIN, Charles. *A expressão das emoções nos homens e nos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DÉJEUX, Jean. “Sous Le signe de Djoh’a,”. Em, *Autrement, L’Humor*, No. 131, setembro 1992.
- _____. *Djoha: héros de la tradition orale arabo-berbère: hier. Et aujourd’hui*. 1978.
- DUARTE, Lélia Parreira. *Ironia e humor na literatura*. Belo Horizonte: Editora PUCMinas / Alameda, 2006.
- FARRAJ, °Abd Sattār Aḥmad. *Aḥbār Juha*. Cairo: Library of Egypt, 2ª. Ed., 1954.

- FIORILLO, Marília. *O Deus Exilado – breve história de uma heresia*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2008.
- FREUD, Sigmund. “O humor”, in *O futuro de uma ilusão... e outros ensaios*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 189-194.
- GABRIELLI, F. *Literatura Árabe*. Buenos Aires: Ariel, s/d.
- GURDJIEFF, George Ivanovitch. *Beelzebub's Tales to his grandson – an objectively impartial criticism of the life of man*. London/New York, 1950.
- HADDAD, Jamil Almansur (seleção, intro. e notas; trad. J. A. Haddad e José Paulo Paes). *Maravilhas do Conto Árabe*. São Paulo: Editora Cultrix, 1964.
- HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- IBN-ALMUQAFFA, °Abdullāh. *Kalila e Dimna* (trad, org, intro e notas de Mamede Mustafá Jarouche. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- IBN-AŠŠAIK, Yūsuf. *Kitāb Alif-bā'*. 2ª edição. Beirute: °Ālam Alkitāb, 1985.
- JAROUCHE, Mamede M. “O livro das mil e uma noites em português”, em, CAFFARO, Paula da Costa, e VARGENS, João Batista (org.). *Arabismo: um tema e suas representações no Brasil e em Portugal / Anais do I Simpósio de Arabistas Luso-Brasileiros*. Rio Bonito (RJ): Almadena. pp. 67-72. 2010.
- JAWAIUDI, Darwich. *Nawādir Juha Alkubrā*. Beirute: Al°ašriya, 2009.
- JAYYUSI, Salma Khadra (ed.). *Tales of Juha – classic arab folk humor*. Cambridge: Interlink Books, 2007.
- JUBRAN, Safa Abou-Chahla. “Para uma romanização padronizada de termos árabes em textos de língua portuguesa”, em *Tiraz – revista de estudos árabes e das culturas do oriente médio, n° 1*. São Paulo: Humanitas, 2004.

- KARABAS, Seyfi. "The use of Eroticism in Nasreddin Hoca Anecdotes", em: *Western Folklore*, Vol.49, No. 3. (Jul., 1990), pp.299-305.
- KIRWAN, Lucile Vartanian. "Armenian Stories of Hodja", em: *California Folklore Quarterly*, Vol. 2, No. 1 (Jan. 1943), pp. 27- 29.
- KRITZECK, James. *Antology of Islamic Literature*. Great Britain: Penguin Books, 1964.
- KURAIEM, Mussa. *Giha, Hoja e Nasredin*. São Paulo: Ed. Revista "O Oriente", 1960.
- LA FONTAINE. *Fábulas de La Fontaine*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia. 2003.
- LEITE, Sylvia. "Cervantes e o Sufismo: Uma abordagem Mística de Dom Quixote", em *Revista de Estudos Orientais no. 4, São Paulo: agosto 2003*.
- LIMA, Rossini Tavares de. *Abecê de Folclore*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LUNDE, Paul. "A man of many names", em *Saudi Aramco World* (mai/jun), p. 8-9.1971.
- MACHADO, Regina. *Nasrudin*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005.
- MAKHLOUF, Georgia. "Goha the simple, or, The wisdom of fooly", em *The UNESCO courier: a window open on the world*, p. 26- 27. 1982.
- MARTINS, Aracéli. *Entendendo O Humor*. São Paulo: Paulus, 1994.
- MARZOLPH, Ulrich. "Juha in the Arabian Nights". *Journal of Arabic Literature*, Vol. 36, N° 3, The Thousand and One Nights. Leiden: Brill, 2005. pp. 311-322.
- MAUNOURY, Jean-Louis. *Sublimes paroles et idioties de Nasreddin Hodja*. Paris: Phébus libretto, 2002.
- MINOIS, Georges. *História do Riso e do Escárnio*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

- MIQUEL, Andre. *O Islame a sua civilização*. Lisboa: Cosmos, 1971.
- MUHANA, Adma Fadul. “O Narrador Árabe do Dom Quixote”. em *Dom Quixote – 400 Anos de Paixão*. (Org.) Sílvia Monte. Rio de Janeiro, EMERJ, 2005.
- NAJJAR, Muhammad Rajab. *Juha alʿarabī*. Kuwait: ‘Alam Alma’rifa Series, No. 10, Outubro 1978.
- NOONAN, John. “Tales of the Hoja”, em *Saudi Aramco World* (set/out), p. 30-39.1997.
- PELLAT, Charles. *Langue et littérature arabes*. Paris: A. Colin, 1970.
- PIRANDELLO, Luigi. *O Humorismo*. São Paulo: Experimento, 1996.
- POSSENTI, Sírio. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- PROPP, Vladímir. *Comicidade e Riso*. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- RASKIN, Victor. *Semantic Mechanisms of Humor*. Dordrecht/Boston /Lancaster: D. Reidel Publishing Company, 1985.
- SADAM, Joseph. “Conflicting tendencies between higher and lower strata of humor – Some Genizah fragments, in, *Humor in Arabic Culture*. (Ed. Georges Tamer). Berlin / New York: Walter de Gruyter, 2009.
- SAID, Edward. *Freud e os não-europeus* (tradução de Arlene Clemesha). São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- SARIN, Amita. *Akbar and Birbal*. Puffin Books: New Delhi, 2005.
- SOBH, Mahmud. *Historia de La Literatura Árabe Clásica*. Madrid: Cátedra, 2002.
- SPERBER, Suzi Frankl. *Ficção e Razão – uma retomada das formas simples*. São Paulo: Editora Hucitec / FAPESP, 2009.

TAMER, Georges (ed.). *Humor in der arabischen Kultur/Humor in Arabic Culture*. Berlin / New York: Walter de Gruyter, 2009.

_____. “The Qur’an and humor”, in, *Humor in Arabic Culture*. (Ed. Georges Tamer). Berlin / New York: Walter de Gruyter, 2009.

THEBAS, Cláudio. *O livro do Palhaço*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005.

TODOROV, Tzvetan. *As Estruturas Narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

VARELLA, Felipe (org./trad.). *Nasrudin – 99 contos*. Rio de Janeiro: Caravana de Livros, 2009.

VERNET, Juan. *Literatura Árabe*. Barcelona: Labor, s/d.

_____. *Lo que Europa Debe al Islam de España*. Barcelona: Alcantilado, 1999.

VVAA. *Histórias para ler sem pressa* (seleção e trad. de Mamede Mustafá Jarouche). São Paulo: Editora Globo, 2008.

YAQTINE, Said. “The Unforgettable Juha”, in, *Tales of Juha – classic arab folk humor*, (Ed. Salma Jayyusi). Cambridge: Interlink Books, 2007.

Web site:

www.leobassi.com/archives/editorial/utopiadesde_20_eneroteatro_alfil_madrid.html (último acesso em 18-03-2010)

www.philhist.uni-augsburg.de/de/fakultaet/personen/verstorbene/scheerer/forschung/bila/bila_allgemein/bras.html (último acesso em 21-05-2012)